

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Departamento de Educação e Psicologia

2º Ciclo em Psicologia Clínica

A psicopatia e comportamentos de agressão em adolescentes e jovens adultos

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Marisa Isabel Pimpão Carneiro

Professor Doutor Ricardo Barroso



Vila Real, 2018

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Departamento de Educação e Psicologia

2º Ciclo em Psicologia Clínica

A psicopatia e comportamentos de agressão em adolescentes e jovens adultos

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Marisa Isabel Pimpão Carneiro

Professor Doutor Ricardo Barroso

Composição do Júri:

Professora Doutora Ana Catarina Pires Pinheiro Mota

Professora Doutora Ana Paula dos Santos Monteiro

Professor Doutor Ricardo Nuno Serralheiro Gonçalves Barroso

Vila Real, 2018

Agradecimentos

A conclusão desta investigação simboliza a concretização de um objetivo, o cumprir de um sonho. Chega ao fim uma etapa fulcral no meu desenvolvimento pessoal e profissional que requereu muito esforço, dedicação, paciência e trabalho. No entanto, este percurso só se tornou possível devido ao apoio e colaboração que me foi proporcionado por um vasto leque de pessoas que sempre acreditaram em mim.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Ricardo Barroso pela disponibilidade, compreensão, orientação, aconselhamento e pela partilha de conhecimentos que abriram os meus horizontes durante este percurso.

À Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, pela colaboração, disponibilidade e interesse por esta investigação.

Aos/Às Diretores/Diretoras dos Centros Educativos e EPL onde os dados foram recolhidos, por toda a disponibilidade e paciência. Da mesma forma, agradeço a todas as pessoas dos Centros Educativos e do E.P.L com quem me cruzei, pelos bons momentos que me proporcionaram, pela partilha de saberes, e apoio durante o processo de recolha de dados.

Tenho ainda que agradecer a todos aqueles com quem trabalhei mais de perto, nomeadamente a todos os jovens que aceitaram participar na minha investigação. Sem eles a realização desta não seria possível.

Agradeço a toda a minha família, em especial aos meus pais, irmã e avós que sempre me apoiaram de forma incansável em tudo, por sempre acreditarem em mim, e me fazerem sentir especial. Sem eles nada seria possível.

Um muito obrigada a todos os meus amigos, pela amizade, companheirismo, disponibilidade, e por nos momentos menos bons, acreditarem sempre em mim. Agradeço-lhes,

por estarem sempre do meu lado, pela partilha de conhecimentos, mas também por me terem proporcionado bons momentos.

Um obrigada muito especial à Helena Morais, por toda a amizade, confiança, pelo apoio incondicional e por ter sido um pilar em todos os momentos. A amizade é ter a certeza que, aconteça o que acontecer, nunca te sentirás desamparado.

A todos aqueles que fizeram parte do meu percurso formativo, colegas de turma, amigos de universidade, professores, obrigada por tornarem este percurso inesquecível e gratificante.

A todos, e do fundo do coração, o meu mais sincero e profundo, OBRIGADA!

Índice

Agradecimentos.....	iii
Lista de Tabelas.....	viii
Lista de Figuras.....	ix
Lista de Siglas e Acrónimos.....	x
Introdução.....	1
ESTUDO EMPÍRICO I	
O papel moderador das experiências traumáticas precoces na relação entre psicopatia e agressão proativa	
Resumo	5
Abstract	6
Delinquência juvenil	7
A psicopatia como preditora da agressão proativa	8
O papel das experiências traumáticas precoces na relação entre psicopatia e agressão proativa	11
Objetivos e hipóteses do presente estudo	13
Metodologia	
Amostra	14
Instrumentos	16

Procedimento	19
Resultados	
Análises correlacionais	21
Efeito da psicopatia na agressão proativa: O papel moderador das experiências traumáticas	22
Discussão	25
Referências	30
ESTUDO EMPÍRICO II	
A psicopatia e a agressão proativa em adolescentes e jovens adultos: O efeito mediador do abuso físico e emocional	
Resumo	41
Abstract	42
A psicopatia e a agressão proativa	43
O efeito do abuso físico e emocional na associação entre psicopatia e a agressão proativa	45
Objetivos e hipóteses do presente estudo	47
Metodologia	
Amostra	48
Instrumentos	50

Procedimento	54
Resultados	
Análises correlacionais	56
Efeitos mediadores	58
Discussão	66
Referências	71

Lista de Tabelas

Estudo Empírico I

Tabela 1	Dados sociodemográficos da amostra em estudo.....	15
Tabela 2	Médias (M), desvio padrão (DP) e correlações entre as variáveis em estudo..	22

Estudo Empírico II

Tabela 3	Dados sociodemográficos da amostra em estudo.....	50
Tabela 4	Médias (M), desvio padrão (DP) e correlações entre as variáveis em estudo..	58
Tabela 5	Efeito indireto do abuso emocional na relação entre a dimensão comportamental da psicopatia e a agressão proativa.....	60
Tabela 6	Efeito indireto do abuso emocional na relação entre a dimensão afetiva da psicopatia e a agressão proativa	62
Tabela 7	Efeito indireto do abuso físico na relação entre a dimensão afetiva da psicopatia e a agressão proativa.....	63
Tabela 8	Efeito indireto do abuso físico na relação entre a dimensão interpessoal da psicopatia e a agressão proativa.....	65

Lista de Figuras

Estudo Empírico I

- Figura 1** Modelo representativo das hipóteses em estudo.....14
- Figura 2** Efeito moderador da negligência emocional na associação entre a dimensão afetiva da psicopatia e a agressão proativa.....24
- Figura 3** Efeito moderador do abuso sexual na associação entre a dimensão interpessoal da psicopatia e a agressão proativa.....25

Estudo Empírico II

- Figura 4** Modelo representativo das hipóteses em estudo.....48
- Figura 5** Modelo de mediação simples da relação entre a dimensão comportamental da psicopatia, abuso emocional e agressão proativa.....59
- Figura 6** Modelo de mediação simples da relação entre a dimensão afetiva da psicopatia, abuso emocional e agressão proativa.....61
- Figura 7** Modelo de mediação simples da relação entre a dimensão afetiva da psicopatia, abuso físico e agressão proativa.....62
- Figura 8** Modelo de mediação simples da relação entre a dimensão interpessoal da psicopatia, abuso físico e agressão proativa.....64

Lista de Siglas e Acrónimos

CE	Centro Educativo
EP	Estabelecimento Prisional
CEBV	Centro Educativo da Bela Vista
CEM	Centro Educativo do Mondego
CEO	Centro Educativo dos Olivais
CESA	Centro Educativo de Santo António
EPL	Estabelecimento Prisional de Leiria
CEPAO	Centro Educativo Padre António Oliveira
DGRSP	Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
IC	Intervalo de Confiança
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>

Introdução

A psicopatia é definida por um conjunto de características comportamentais (e.g., comportamento antissocial, impulsividade, falta de objetivos realistas de longo prazo), interpessoais (e.g., manipulação, grandiosidade, narcisismo) e afetivas (e.g., insensibilidade, falta de remorsos e empatia) que tendem a estar associadas com um estilo de vida socialmente desviante (Chabrol, Valls, Leeuwen, & Bui, 2012; Feilhauer, Cima, & Arntz, 2012). Vários estudos (Kruh, Frick, & Clements, 2005; Pechorro, Maroco, Gonçalves, Nunes, & Jesus, 2014; Salekin, Rosenbaum, & Lee, 2008; Van Baardewijk, Vermeiren, Stegge, & Doreleijers, 2011) têm verificado que a psicopatia se encontra relacionada com a prática de comportamento antissocial, comportamentos delinquentes graves e violentos, início precoce de atividades criminais, e com detenções e condenações precoces. Indivíduos com traços psicopáticos tendem a ser responsáveis por agressões sistemáticas, em muitas situações com graves danos para as vítimas, sendo caracterizados como irresponsáveis, cruéis e por não terem vida emocional real, nem apresentarem sintomas característicos de doença mental (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Ao longo do seu processo de desenvolvimento os jovens agressores podem experienciar perdas e separações precoces de figuras parentais, violência familiar, quadros educacionais inconsistentes e inexistência ou pobreza nas trocas afetivas (Pral, 2007). Para além destas adversidades, a separação dos pais ou divórcio, violência doméstica, ter um familiar com problemas de abuso de substâncias ou problemas com a justiça, são fatores de risco para a delinquência futura. Neste percurso desenvolvimental, as crianças que são alvo de abusos e/ou negligência a diversos níveis possuem uma maior tendência (associada a outras características) para desenvolverem maiores indicadores de agressividade intrínseca ou extrínseca (Malmgren & Meisel, 2004). Esses abusos poderão ser físicos, sexuais,

emocionais, negligência física ou emocional, sendo que, de acordo com alguns estudos (Stoltenborgh, Bakermans-Kranenburg, Alink, & Ijzendoorn, 2015), o abuso físico, o abuso emocional e a negligência emocional tendem a ser os maus-tratos mais frequentemente experienciados durante a infância. Num estudo de Zappe e Dias (2012), alguns jovens delinquentes detidos apresentavam uma infância marcada por maus-tratos, experienciados direta (e.g., abuso e/ou negligência) ou indiretamente (e.g., violência doméstica, familiar detido ou com problemas de abuso de substâncias). Outras investigações (Kerig, Bennett, Thompson, & Becker, 2012; Kimonis, Skeem, Cauffman, & Dmitrieva, 2011; Vaughn, Edens, Howard, & Smith, 2009) relatam que jovens delinquentes detidos sugerem uma combinação de maus-tratos e traços psicopáticos exibindo taxas elevadas de problemas mentais e de agressão.

A agressão, dependendo da sua intencionalidade, pode ser reativa ou proativa. A agressão reativa surge como uma resposta contra uma ameaça, enquanto que a agressão proativa está associada a ataques predatórios motivados por uma recompensa externa. A agressividade reativa é definida como um mecanismo de defesa contra a frustração, ou percebida como uma provocação ou ameaça, estando relacionada com o comportamento impulsivo e pela alta excitação fisiológica. A agressividade proativa é caracterizada por surgir na ausência de provocações, com base no ganho pessoal com o desejo de dominar as interações sociais, associada a défices afetivos e sem carga emocional, estando associada a comportamentos antissociais, psicopatologia e delinquência (Card & Little, 2006; Cima & Raine, 2009; Scarpa, Haden, & Tanaka, 2010; Vitaro, Barker, Boivin, Brendgen, & Tremblay, 2006).

Com o foco nas experiências precoces traumáticas, esta dissertação de mestrado encontra-se dividida em duas partes. Numa primeira parte, é apresentado um estudo empírico

sobre o papel moderador das experiências traumáticas precoces na relação entre psicopatia e agressão proativa. Numa segunda parte, é apresentado um artigo empírico sobre o papel mediador do abuso físico e emocional na associação entre psicopatia e agressão proativa. Em ambos os estudos é realizado o enquadramento teórico das variáveis em estudo, sendo descritos os procedimentos metodológicos, assim como a caracterização da amostra, instrumentos e as análises estatísticas utilizadas. Os resultados são discutidos tendo em conta as implicações clínicas, podendo contribuir assim para intervenções mais eficazes face aos comportamentos agressivos, levando a uma melhoria das práticas de prevenção.

ESTUDO EMPÍRICO I

**O papel moderador das experiências traumáticas precoces na relação entre psicopatia e
agressão proativa**

*The moderating role of early traumatic experiences in the relationship between
psychopathy and proactive aggression*

Resumo

A presente investigação teve como objetivo testar o papel moderador das experiências traumáticas vivenciadas por jovens agressores na relação entre psicopatia e agressão proativa. Para este efeito, foi utilizada uma amostra clínica de 97 jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos de idade, institucionalizados em centros educativos e estabelecimentos prisionais sob tutela do Ministério da Justiça de Portugal. Os resultados obtidos permitiram observar que as experiências traumáticas, especificamente a negligência emocional e o abuso sexual, assumem um papel moderador na associação entre psicopatia e agressão proativa. Concretamente, a negligência emocional média ou alta na presença de um médio ou elevado nível de frieza emocional, refletem um aumento na agressão proativa. De forma semelhante, o abuso sexual alto associado a níveis elevados de grandiosidade e manipulação, traduzem um aumento significativo da agressão proativa. É discutida a importância destes resultados para os processos de avaliação e intervenção psicológica.

Palavras- chave: Psicopatia, agressão proativa, experiências traumáticas, jovens agressores, moderação

Abstract

The aim of the present study was to investigate the role of traumatic experiences in the relationship between psychopathy and proactive aggression. For this purpose, a sample of 97 inmates was used with ages between 13 and 20. Results of this study show a significant relationship between psychopathy and proactive aggression. Also, traumatic experiences, specifically emotional neglect and sexual abuse, play a moderating role in the association between psychopathy and proactive aggression. Specifically, medium or high emotional neglect in the presence of a medium or severe emotional coldness, reflect an increase in proactive aggression. And severe sexual abuse history is associated with high levels of grandiosity and manipulation a significant increase in proactive aggression. Findings may have important implications for the assessment and psychological intervention practices.

Keywords: Psychopathy, proactive aggression, traumatic experiences, young aggressors, moderation

Delinquência Juvenil

Entende-se por delinquência uma transgressão de conduta, que engloba não só o contexto legal, como também o contexto social uma vez que a sociedade se rege por normas, define os comportamentos que são considerados antissociais e que violam as expectativas sociais (Kazdin & Buela-Casal, 2001). Deste modo, importa distinguir “comportamento antissocial” de “comportamento delinquente”. Os comportamentos antissociais são condutas que não são obrigatoriamente ilegais, abrangendo comportamentos que violam as expectativas e normas sociais. Já os comportamentos delinquentes abrangem todas as condutas que transgridem as leis, sendo consideradas ilegais, e portanto tipificadas como crime pela lei penal (Negrinhos, 2001; Pral, 2007). Quando os jovens empregam condutas que transgridem as normas e a organização social, e colocam em risco o próprio e/ou a sociedade, é fundamental intervir e atribuir ao jovem a responsabilidade pelo seu comportamento (Formiga, Aguiar, & Omar, 2008; Manso & Almeida, 2009). Deste modo, surge a justiça juvenil com o intuito de estabelecer o controlo social perante situações de delinquência juvenil, ou seja, perante jovens que tenham praticado atos qualificados pela lei como crime (Torres, 2010).

O padrão de comportamento, inclusive o agressivo, ocorre a partir da interação entre fatores genéticos, sociais e ambientais (Mendes, Mari, Singer, Barros, & Mello, 2009; Wasserman, et al., 2003). Assim, o comportamento desviante e antissocial não está apenas associado com o indivíduo e os seus traços da personalidade, uma vez que são aprendidos através das suas interações sociais, especialmente com os pares ou com os responsáveis pela manutenção de um comportamento convencional (e.g. pais, professores, responsáveis legais) (Formiga, Aguiar, & Omar, 2008; Moffitt, 1993; Raine, 2002).

Segundo Pral (2007) os menores delinquentes experienciam algumas falhas e lacunas no seu processo de desenvolvimento, nomeadamente perdas e separações precoces de figuras parentais, violência familiar, quadros educacionais inconsistentes e inexistência ou pobreza nas trocas afetivas.

A psicopatia como preditora da agressão proativa

Os indivíduos com psicopatia manifestam um padrão comportamental de frequente agressividade, tanto no sentido físico como psicológica, abrangendo igualmente comportamentos de manipulação e de hostilidade. Tendem a ser responsáveis por agressões metódicas, em muitas situações com graves danos para as vítimas, sendo caracterizados como irresponsáveis, cruéis e por não terem vida emocional real, nem apresentarem sintomas tipicamente característicos de doença mental (Soeiro & Gonçalves, 2010).

No contexto da delinquência juvenil a psicopatia aplicada a adolescentes tem vindo recentemente a reassumir importância (Vaughn & Howard, 2005). Este interesse advém de um acumular de evidências de que o constructo da psicopatia está relacionado com uma maior frequência e estabilidade dos comportamentos antissociais, a comportamentos delinquentes mais graves e violentos, a um início precoce nas atividades ilegais, a detenções precoces por agentes de autoridade e a condenações pelos tribunais (Kruh, Frick, & Clements, 2005; Pechorro, Maroco, Gonçalves, Nunes, & Jesus, 2014; Salekin, Rosenbaum, & Lee, 2008; Van Baardewijk, Vermeiren, Stegge, & Doreleijers, 2011).

Vários estudos indicam que a psicopatia manifesta-se como resultado de fatores biológicos e da personalidade, relacionados com antecedentes familiares e/ou ambientais (Soeiro & Gonçalves, 2010). Segundo Hare e Neumann (2008), a psicopatia é uma

perturbação da personalidade caracterizada por circunstâncias interpessoais, afetivas e comportamentais, que se mantêm ao longo da vida (Ribeiro da Silva, Rijo, & Salekin, 2012; Salekin & Lynam, 2010). Esta acarreta características como grandiosidade, egocentrismo, impulsividade, decepção, falta de empatia, culpa ou remorsos, emoções superficiais em conjunto com transgressões das expectativas sociais e normas legais. Indivíduos com traços psicopáticos apresentam um padrão enganador, manipulador, insensível e sem remorsos, tendo sido relacionados a um tipo de conduta antissocial mais grave, violenta e persistente, com início precoce e com preferência para atividades excitantes e perigosas (Andershed, Gustafson, Kerr, & Stattin, 2002; Frick, Kimonis, Dandreaux, & Farrel, 2003; Pechorro, 2011). Desta forma, a psicopatia é uma síndrome específica que prediz o comportamento futuro violento e agressivo em adultos.

Segundo a intencionalidade da agressão, a literatura faz muitas vezes a distinção entre agressão reativa e proativa, estando a agressão reativa associada a uma resposta contra uma ameaça e a agressão proativa associada a ataques predatórios motivados pela recompensa externa (Card & Little, 2007). A agressão proativa também denominada como instrumental é caracterizada por ausência de provocações. Esta conduta surge com base no ganho pessoal, associada ao desejo de dominar as interações sociais. É um comportamento intencional, sem carga emocional, associado a défices afetivos (Hubbard, McAuliffe, Morrow, & Romano, 2010). A agressão reativa é entendida como um mecanismo de defesa contra a frustração, percebida como uma ameaça ou provocação, não tendo a função de atingir um objetivo procurado intrinsecamente, mas sim, evitar uma ameaça percebida. É um comportamento impulsivo e caracterizado pela alta excitação fisiológica (Kempes, Matthys, de Vries, & van Engeland, 2005).

Várias investigações empíricas (Camodeca, Goossens, Terwogt, & Schuengel, 2002; Polman, Orobio de Castro, Thomaes, & van Aken, 2009; Raine et al., 2006) verificam que crianças agressivas proativamente intimidam outras crianças com mais frequência, são mais dominadoras e autoritárias do que as crianças com comportamento agressivo reativo. Da mesma forma, crianças com comportamento agressivo proativo sentem menos culpa e remorsos quando prejudicam outras crianças (Orobio de Castro, Merk, Koops, Veerman, & Bosch, 2005), estando este tipo de agressão associada a sintomas de externalização, tais como comportamentos antissociais, psicopatologia e delinquência (Brendgen, Vitaro, Tremblay, & Lavoie, 2001; Seah & Ang, 2008). A agressão proativa está fortemente ligada ao uso de substâncias devido a uma progressão do desenvolvimento de comportamentos antissociais consistentes com modelos de desenvolvimento de risco para problemas de comportamento, estando esta agressão relacionada ainda com características psicopáticas (Fite, Colder, Lochman, & Wells, 2008; Fite, Stoppelbein, & Greening, 2009).

A agressão reativa está ligada a relacionamentos tensos com o grupo de pares, maior isolamento social e níveis mais baixos de popularidade quando comparados com crianças agressivas proativamente ou com crianças não agressivas (Camodeca, Goossens, Terwogt, & Schuengel, 2002; Card & Little, 2006; Polman, Orobio de Castro, Thomaes, & van Aken, 2009; Xu & Zhang, 2008). Além disso, este tipo de agressão está articulado com problemas de regulação emocional, por exemplo ansiedade (Seah & Ang, 2008) e raiva (Hubbard, McAuliffe, Morrow, & Romano, 2010). Segundo Card e Little (2007), a agressão reativa está relacionada com a hipótese de frustração, postulando que a agressão é uma reação furiosa e hostil à ameaça percebida. Em oposição, a agressão proativa é consistente com a teoria de aprendizagem social, sugerindo que a agressão serve o propósito de obter um objetivo. De acordo com alguns estudos (Patrick, Fowles, & Krueger, 2009) a psicopatia está

relacionada a uma maior tendência para adotar comportamentos instrumentais, executados com frieza emocional, e não reativos, realizados com volatilidade emocional. A relação entre a psicopatia e a agressão proativa poderá estar na base da distinção dos psicopatas dos outros indivíduos antissociais (Glenn & Raine, 2009; Porter & Woodworth, 2006).

O papel das experiências traumáticas precoces na relação entre a psicopatia e a agressão proativa

Segundo uma meta-análise realizada por Stoltenborgh, Bakermans-Kranenburg, Alink e Ijzendoorn (2015) os maus-tratos na infância apresentam taxas de prevalência elevadas em todo mundo, quer para os vários tipos de abuso - abuso físico (14-55%); abuso emocional (11-47%); abuso sexual (6-22%) – quer para a negligência - negligência emocional (15-40%); e a negligência física (7-19%). No entanto, os maus-tratos podem assumir diferentes tipos de adversidades na infância como violência doméstica, separação dos pais ou divórcio, ter um familiar com problemas de abuso de substâncias ou problemas com a justiça.

A criança que sofre de maus-tratos poderá ter consequências a vários níveis, sejam eles a nível físico, afetivo, cognitivo, social e comportamental (Vaz, 2013), e dependem da personalidade do menor, da idade do menor agredido, do tipo de relação que este tem com o agressor, da frequência e da duração da agressão, do tipo e da gravidade do ato (Ferrari, 2002). Zappe e Dias (2012) realizaram um estudo com adolescentes em conflito com a lei, com o objetivo de perceber o quanto foram expostos, na sua história de vida familiar, a episódios de violência, e se de alguma forma estes estão relacionados com a manifestação de condutas transgressoras. Os resultados indicaram que o adolescente, antes de ser agressor, na maioria das vezes tem um desenvolvimento marcado por repetidas exposições à violência, no

qual é a principal vítima. Observa-se assim, um ciclo de violência que deveria ser combatido, nas suas raízes sociais, culturais e económicas. Um estudo (Widom & Maxfield, 2001) publicado pelo National Institute of Justice (NIJ) concluiu que, crianças submetidas a experiências traumáticas na infância aumentam em 29% a probabilidade de delinquência na idade adulta. De forma semelhante, outras investigações (Gold, Sullivan, & Lewis, 2011) documentam a correlação existente entre o abuso de menores e a delinquência futura, ao assumirem que crianças que experimentaram maus-tratos são nove vezes mais propensas a envolverem-se em atividades criminais.

Embora a criminalidade não seja um resultado direto dos maus-tratos experienciados na infância, uma investigação recente sobre os maus-tratos e delinquência em crianças (McGrath, Nilsen, & Kerley, 2011), destaca a perspectiva da aprendizagem social para explicar a ocorrência de comportamentos desviantes em adultos que foram vítimas de uma infância abusiva. Essas teorias propõem que os indivíduos que estão expostos direta ou indiretamente a experiências violentas ou abusivas (abuso sexual e físico, testemunhas de violência doméstica) precocemente podem ser mais propensos a adotar atitudes e crenças associadas à violência e a envolverem-se em comportamentos agressivos na vida adulta.

Evidências científicas indicam que os maus-tratos aumentam as probabilidades de tabagismo, consumo excessivo de bebidas alcoólicas, prisão e obesidade mórbida, além de aumentar o risco de desempenhos escolares fracos e o envolvimento em comportamentos agressivos (Bellis, Lowey, Leckenby, Hughes, & Harrison, 2013). Em comparação com os jovens na população em geral, verificou-se que os jovens envolvidos na justiça juvenil têm maior probabilidade de terem sofrido várias formas de maus-tratos (Abram et al., 2004),

sendo a idade precoce do início do trauma associada com a exposição a mais de um tipo de trauma (Dierkhising et al., 2013).

Objetivos e hipóteses do presente estudo

O presente estudo teve como objetivo principal testar o papel moderador das experiências traumáticas/ maus-tratos na associação entre a psicopatia e a agressão proativa, em jovens a cumprir medidas de internamento em Centros Educativos e em Estabelecimentos Prisionais em Portugal. Em concreto pretendeu-se, num primeiro momento, analisar as associações entre as dimensões de psicopatia, agressão proativa e experiências traumáticas. Num segundo momento, procurou-se testar o efeito moderador das experiências traumáticas na associação entre a psicopatia e a agressão proativa (Figura 1). Atendendo aos objetivos propostos, como primeira hipótese foi esperado que as dimensões da psicopatia, das experiências traumáticas e a agressão proativa se correlacionassem significativamente entre si. Posteriormente, foi esperado pelos investigadores que as experiências traumáticas exercessem um papel moderador na relação entre psicopatia e agressão proativa. Em suma, as hipóteses levantadas foram:

Hipótese 1: A psicopatia, as experiências traumáticas e a agressão proativa estão positivamente correlacionadas entre si.

Hipótese 2: As experiências traumáticas moderam a relação entre a psicopatia e a agressão proativa.

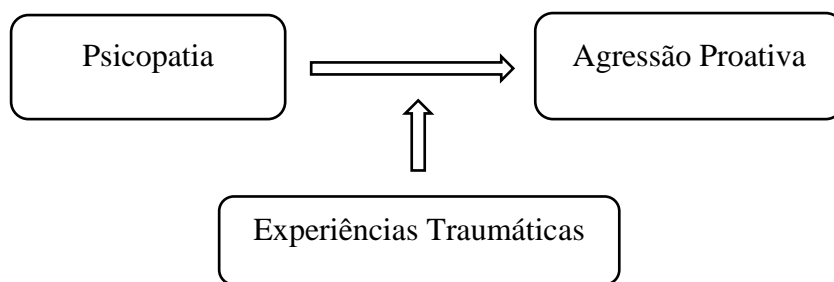


Figura 1. Modelo representativo das hipóteses em estudo. O efeito moderador das experiências traumáticas na associação entre psicopatia e agressão proativa.

Metodologia

Amostra

A amostra é constituída por 97 participantes do sexo masculino com idades compreendidas entre 13 e os 20 anos de idade (M=16,9; DP=1,4). No momento da prática do crime os jovens tinham idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos de idade (M=14,6; DP=1,4). Todos os jovens encontravam-se sob tutela da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), estando institucionalizados em Centros Educativos (CE) e Estabelecimentos Prisionais (EP). Assim, dos 97 jovens, 12 (12.4%) encontravam-se institucionalizados no Estabelecimento Prisional de Leiria (EPL), 10 (10.3%) no Centro Educativo do Mondego (CEM), 15 (15.5%) no Centro Educativo Padre António Oliveira (CEPAO), 18 (18.5%) no Centro Educativo de Santo António (CESA), 25 (25.8%) no Centro Educativo dos Olivais (CEO) e 17 (17.5%) no Centro Educativo da Bela Vista (CEBV). Dos 97 sujeitos que participaram na investigação é possível distinguir três grupos de acordo com a tipologia do crime cometido: crime sexual (7.2%; n=7), crime não sexual (84.6%; n=82) e ambos os crimes anteriores (8.2%; n=8) (Tabela 1).

Os jovens completaram os autorrelatos individualmente e anonimamente, tendo os questionários sido entregues diretamente aos investigadores. Previamente, foi-lhes explicado o estudo e entregue o consentimento informado, em que os participantes leram e assinaram, não tendo sido entregue qualquer valor monetário pela participação no estudo.

Tabela 1
Dados sociodemográficos da amostra em estudo

	N (%)	M (DP)	Amplitude
Idade			
Momento do crime	70 (72.2%)	14.63 (1.395)	10-18
Momento da recolha	97 (100%)	16.86 (1.429)	13-20
Instituição			
Estabelecimento Prisional de Leiria	12 (12.4%)		
Centro Educativo do Mondego	10 (10.3%)		
Centro Educativo Padre António Oliveira	15 (15.5%)		
Centro Educativo de Santo António	18 (18.5%)		
Centro Educativo dos Olivais	25 (25.8%)		
Centro Educativo da Bela Vista	17 (17.5%)		
Tipo de crime			
Sexual	7 (7.2%)		
Não sexual	82 (84.6%)		
Ambos	8 (8.2%)		

Instrumentos

Tendo em conta os objetivos deste estudo foi selecionado um conjunto de instrumentos para a recolha de informação. A escolha destes teve em conta três aspetos: as qualidades psicométricas, adaptados à população portuguesa e, por último, fácil aplicação e preenchimento pouco demorado. A recolha de informação sobre os adolescentes agressores assentou em duas fases: Primeiramente, foi solicitado ao sujeito o preenchimento dos instrumentos de autorrelato que avaliavam um conjunto de dimensões psicológicas (psicopatia, maus-tratos na infância e comportamento agressivo). Numa segunda fase, com base numa grelha de recolha de dados (dados processuais), o investigador recolheu as informações pertinentes encontradas no processo individual dos sujeitos.

Especificamente, os instrumentos aplicados foram: a Grelha de recolha de dados processuais – agressor (Barroso, 2012), o Inventário de Traços Psicopáticos em Jovens (Youth Psychopathic Traits Inventory - short-version – YPI; Van Baardewijk et al., 2010; tradução e adaptação portuguesa de Pechorro, Andershed, Ray, Maroco, & Gonçalves, 2015), o Questionário Sobre Traumas na Infância (Childhood Trauma Questionnaire – CTQ-SF; Bernstein & Fink, 1998; adaptação portuguesa de Dias et al., 2013), o Questionário de Agressividade Reativa-Proativa (Reactive-Proactive Aggression Questionnaire – RPQ; Raine et al., 2006; adaptação portuguesa por Pechorro, Ray, Raine, Maroco, & Gonçalves, 2015).

Grelha de Recolha de Dados Processuais-Agressor

A grelha de recolha de dados processuais do agressor consiste num documento preenchido pelo investigador aquando da recolha de dados dos adolescentes delinquentes, tendo em vista a anotação dos elementos constantes no respetivo processo individual presente nos CE ou EP. Foram registadas informações sociodemográficas do próprio agressor, do seu

contexto familiar, história desenvolvimental, contexto residencial e comunitário, história de institucionalização, história de comportamentos delinquentes, relacionamentos afetivos, escolaridade, informações detalhadas sobre o crime cometido (sexual ou não sexual), sexualidade, variáveis jurídicas, competências interpessoais, uso/abuso de substâncias e história médica.

Inventário de Traços Psicopáticos em Jovens – YPI

O Inventário de Traços Psicopáticos em Jovens – versão curta (Youth Psychopathic Traits Inventory (short-version) – YPI; Van Baardewijk et al., 2010; tradução e adaptação portuguesa de Pechorro, Andershed, Ray, Maroco, & Gonçalves, 2015) é uma medida de autorrelato composta por 18 itens para avaliar traços psicopáticos em adolescentes. Os itens estão distribuídos pelos fatores: Dimensão Interpessoal (grandiosidade / manipulação), Dimensão Afetiva (traços calosos / insensibilidade) e Dimensão Comportamental (impulsividade / irresponsabilidade). Cada item é cotado numa escala de Likert de 4 pontos, de *Discordo Muito* a *Concordo Muito*, sendo, 1 – *Discordo Muito*; 2- *Discordo*; 3- *Concordo*; 4- *Concordo Muito*. A pontuação final é a soma total de todos os itens. Pontuações mais elevadas indicam uma maior presença dos traços em questão para cada dimensão. A análise da consistência interna revelou valores de *alpha* de *Cronbach* de .73 para a totalidade do instrumento. Relativamente a cada uma das dimensões, o *alpha* observado foi de .60 para a dimensão comportamental, .71 para a dimensão afetiva e .65 para a dimensão interpessoal.

Questionário Sobre Traumas na Infância – CTQ-SF

O Questionário Sobre Traumas na Infância – CTQ-SF (Childhood Trauma Questionnaire; Bernstein & Fink, 1998; adaptação portuguesa de Dias et al., 2013), é um instrumento de autorresposta aplicado a adolescentes a partir dos 12 anos de idade e a adultos. É constituído por 28 itens relacionados com situações ocorridas na infância agrupados em 5 subescalas: - abuso físico, abuso emocional, abuso sexual, negligência física e negligência emocional. Possui ainda um índice de negação. Os itens são classificados numa escala de Likert de 5 pontos de *Nunca* a *Sempre*, (1- *nunca*, 2- *poucas vezes*, 3- *às vezes*, 4- *muitas vezes* e 5- *sempre*). A pontuação total e as pontuações de cada dimensão são obtidas somando os respetivos itens. Pontuações mais elevadas indicam uma maior presença dos traços em questão. No que diz respeito às características psicométricas, verificou-se que o instrumento apresenta uma boa consistência interna para a totalidade da escala uma vez que o seu *alpha* de *Cronbach* corresponde a .81. No que diz respeito à consistência interna por dimensões, observa-se um *alpha* de .63 na negligência física, .80 na negligência emocional, .76 no abuso emocional, .85 no abuso físico, e .78 no abuso sexual.

Questionário de Agressividade Reativa-Proativa – RPQ

O Questionário de Agressividade Reativa-Proativa (*Reactive-Proactive Aggression Questionnaire* – RPQ; Raine et al., 2006 adaptação portuguesa por Pechorro, Ray, Raine, Maroco, & Gonçalves, 2015) é uma medida de autorresposta constituída por 23 itens que distingue a agressividade reativa da agressividade proativa. Os 23 itens são classificados numa escala ordinal de 3 pontos, de *Nunca* a *Frequentemente* (0- *Nunca*; 1- *Às vezes*; 2- *Frequentemente*). Dos 23 itens, 11 têm como objetivo avaliar a agressão reativa, e 12 itens avaliam a agressão proativa. A pontuação total e as pontuações de cada dimensão são obtidas

somando os respectivos itens. Este questionário pode ser utilizado com adolescentes e jovens adultos. Pontuações mais elevadas indicam uma maior presença dos traços em questão. O RPQ apresenta boas propriedades psicométricas, tendo sido o *alpha* de Cronbach de .93 (agressão reativa [$\alpha = .88$] e agressão proativa [$\alpha = .89$]). Dados os objetivos desta investigação apenas foi utilizada a subescala agressão proativa, que apresentou boas propriedades psicométricas.

Procedimento

Inicialmente foi solicitada a autorização institucional à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, para a recolha de dados para a realização da investigação. A recolha da informação sobre os adolescentes delinquentes foi efetuada em estreita colaboração com os responsáveis superiores das instituições, que orientaram o nosso trabalho no terreno. Foi acertado previamente o período temporal para a recolha dos dados e transmitidos os objetivos do estudo. Já na instituição foi fornecida ao investigador uma listagem com os nomes dos sujeitos que iriam participar no estudo. Primeiramente, foram aplicados os instrumentos de autorrelato aos jovens institucionalizados em espaços fornecidos pelas instituições, havendo a necessidade de uma articulação contínua com os profissionais de segurança. Os jovens foram convidados individualmente ou em pequenos grupos (máximo 4) a participar na investigação, sendo para esse efeito explicado o âmbito do estudo, fornecido o consentimento informado e, depois, o preenchimento dos questionários referidos anteriormente. No total foram contabilizadas 5 recusas em participar na investigação, devido a reservas quanto ao anonimato e confidencialidade dos dados. O tempo de aplicação dos questionários a cada grupo de sujeitos aproximou-se dos 20 minutos. Procurou-se implementar a avaliação em

momentos que não perturbassem o ambiente institucional. Nenhum dos participantes que concordou participar na investigação desistiu durante o preenchimento dos questionários. A voluntariedade na participação do estudo e a confidencialidade dos dados recolhidos foram sempre alvo de atenção.

Seguidamente e durante alguns dias, foram consultados os dados processuais constantes no dossier individual de cada jovem da DGRSP, nomeadamente no que respeitava aos dados do seu percurso institucional e nas peças disponibilizadas pelos tribunais. Da mesma forma, foram analisados os relatórios sociais e os de avaliação psicológica. A consulta detalhada de cada processo demorou em média, cerca de 1 hora.

Para o tratamento estatístico recorreu-se ao *Statistical Package for the Social Science* (SPSS), versão 23.0. Inicialmente foram identificados e excluídos os *missing values* e os *outliers* de forma a não se fazer sentir os seus efeitos nas análises estatísticas. Posteriormente, procedeu-se à caracterização da amostra, recorrendo-se a análises de natureza descritiva e foi testada a consistência interna (*alpha* de *Cronbach*) dos instrumentos utilizados.

Seguidamente, foram observados os valores de assimetria (*skeweness*) e achatamento (*kurtosis*) com o objetivo de verificar os pressupostos da normalidade dos dados.

Verificando-se que, no geral, a amostra demonstrou valores aceitáveis, com exceção das escalas da negligência física, do abuso emocional, do abuso físico e do abuso sexual. No entanto, como a amostra tem um valor total de sujeitos superior a 30, é considerada uma amostra com número suficiente para que a distribuição da média amostral seja considerada normal, optando-se por realizar testes paramétricos para as análises estatísticas (Maroco, 2007). Após estas análises preliminares, procederam-se as análises correlacionais e as respetivas médias e desvios-padrões das variáveis. Por fim, o papel moderador das experiências traumáticas na relação entre psicopatologia e agressão proativa foi calculado a partir

do programa *MACRO PROCESS* de Andrew F. Hayes (Hayes, 2013). Sublinha-se ainda que todos os resultados foram analisados e interpretados a partir do valor de significância de $p < .05$.

Resultados

Análises correlacionais

Tendo em conta o objetivo de analisar as associações entre psicopatia, experiências traumáticas e a agressão proativa dos jovens agressores, foram efetuadas análises correlacionais entre as variáveis. Os resultados das análises inter-escalas, as médias e desvios-padrão encontram-se transcritos na tabela 2.

Os resultados indicam a existência de correlações significativas entre as várias variáveis do estudo, nomeadamente a dimensão comportamental da psicopatia está associada de forma positiva e significativa, com magnitude baixa a moderada, com a dimensão afetiva da psicopatia ($r = .25$), com a dimensão interpessoal da psicopatia ($r = .34$), com o abuso emocional ($r = .27$), com o abuso físico ($r = .28$) e com a agressão proativa ($r = .57$). Assim, maior impulsividade e/ou irresponsabilidade está associada a um maior índice de abuso emocional e físico precoces e a uma maior agressão proativa. No que diz respeito à dimensão afetiva da psicopatia, esta encontra-se correlacionada de forma positiva e significativa, com magnitude baixa, com o abuso emocional ($r = .23$), com o abuso físico ($r = .25$) e com a agressão proativa ($r = .25$). Estes valores indicam que a uma maior frieza emocional e/ou insensibilidade estão associados maiores índices de abusos emocional e físico e a uma maior agressão proativa. Relativamente à dimensão interpessoal da psicopatia, esta encontra-se, ainda, positiva e significativamente correlacionada com o abuso físico ($r = .26$) e com a

agressão proativa ($r = .45$). Isto indica-nos que a uma maior grandiosidade e/ou a manipulação está associado maiores índices de abuso físico e a uma maior agressão proativa.

Tabela 2
Médias (M), desvio-padrão (DP) e correlações entre as variáveis em estudo

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1-Comportamental	-									
2-Afetiva	.25*	-								
3-Interpessoal	.34**	.13	-							
4-Abuso Emocional	.27**	.23*	.13	-						
5-Abuso Físico	.28**	.25*	.26*	.67**	-					
6-Abuso Sexual	.01	-.01	.09	.21*	.38**	-				
7-Escala de negação	-.20*	-.01	.06	-.33**	-.28**	-.13	-			
8-Negligência Emocional	.15	.17	-.04	.41**	.32**	.14	-.59**	-		
9- Negligência Física	.19	.15	.10	.42**	.40**	.10	-.44**	.63**	-	
10-Agressão Proativa	.57**	.25*	.45**	.35**	.32**	.19	-.17	.26*	.17	-
M	10.21	6.93	8.19	2.52	2.35	.86	6.71	4.27	3.21	6.77
DP	3.00	3.50	3.08	3.49	3.74	2.26	2.43	4.38	3.57	5.09

* $p < .05$; ** $p < .01$

Efeito da psicopatia na agressão proativa: O papel moderador das experiências traumáticas

De acordo com o último objetivo do estudo, foi testado o papel moderador das experiências traumáticas, nomeadamente da negligência emocional e do abuso sexual na associação entre psicopatia e a agressão proativa através do programa *MACRO PROCESS* de

Andrew F. Hayes (Hayes, 2013). É de referir que apesar do abuso sexual não seguir uma distribuição normal, optou-se por usar esta escala como moderadora devido ao impacto que esta dimensão tem na vida dos jovens abusados e por apresentar uma boa consistência interna [$\alpha = .78$]. O abuso sexual na infância pode ser entendido como um evento traumático para a criança que o vivência, ficando o seu desenvolvimento físico, sexual, psíquico e social comprometidos (Silva & Inada, 2013).

Através da análise realizada verifica-se que a negligência emocional exerce um papel moderador na associação entre a dimensão afetiva da psicopatia e a agressão proativa, $F(3, 93) = 7.066, p < .0002, b = .078, 95\% \text{ CI } [.015, .142], t = 2.45, p < .016$, explicando 16.4% da variância. A partir da análise da interação verifica-se que quando o grau do moderador (negligência emocional) é baixo, não há associação entre a dimensão afetiva da psicopatia e a agressão proativa. Observa-se ainda, que quando o grau do moderador é médio, há associação positiva significativa entre a dimensão afetiva da psicopatia e a agressão proativa, $b = .37, 95\% \text{ CI } [.0649, .6700], t = 2.41, p < .05$. Por fim, quando o grau do moderador (negligência emocional) é elevado, há uma relação positiva significativa entre a dimensão afetiva da psicopatia e a agressão proativa, $b = .71, 95\% \text{ CI } [.2895, 1.1326], t = 3.35, p < .05$. Ou seja, quando a dimensão afetiva da psicopatia se encontra num grau moderado a elevado e está presente uma média/alta negligência emocional, traduz-se numa maior agressão proativa. No entanto, quando a relação entre as variáveis é moderada por uma baixa negligência emocional, independentemente dos níveis da dimensão afetiva da psicopatia serem baixos, médios ou altos, a agressão proativa é baixa (Figura 2). Deste modo, a negligência emocional média ou alta na presença de um médio ou elevado nível de frieza emocional, refletem um aumento da agressão proativa.

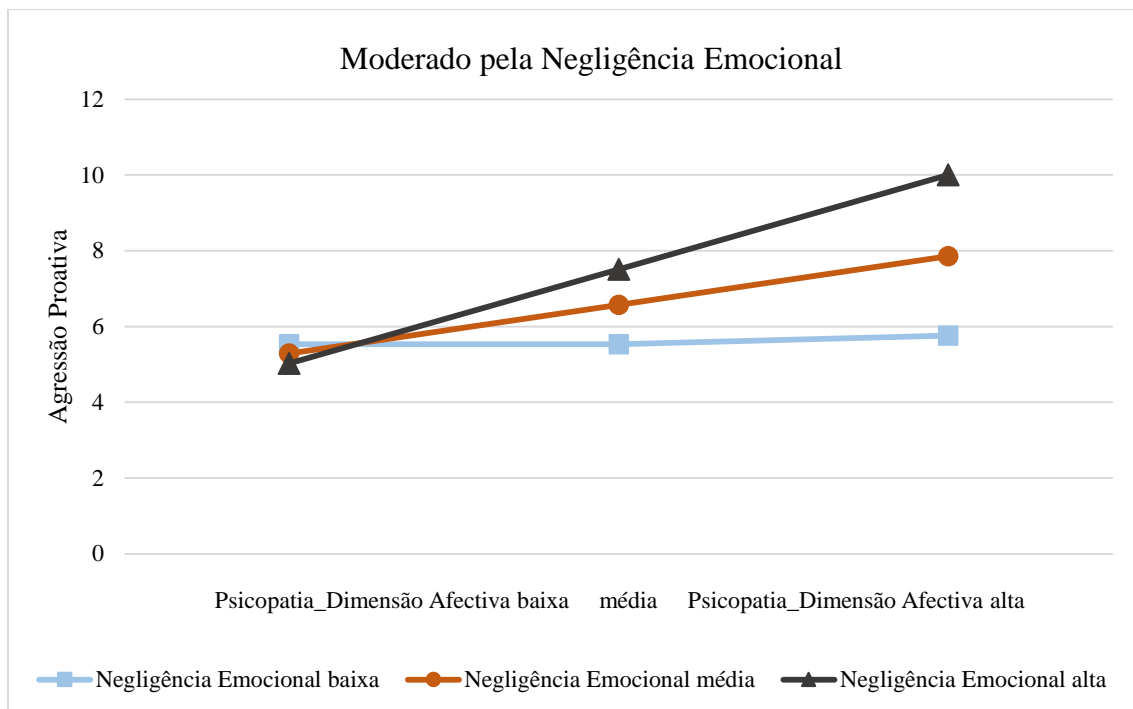


Figura 2. Efeito moderador da negligência emocional na associação entre a dimensão afetiva da psicopatia e a agressão proativa.

Relativamente ao abuso sexual, verifica-se que exerce um papel moderador na associação entre a dimensão interpessoal e a agressão proativa, $F(3, 93) = 27.171, p < .0001$, $b = .169$, 95% CI [.093, .245], $t = 4.42, p < .0001$, explicando 26% da variância. Através da análise da interação verifica-se que quando o grau do moderador (abuso sexual) é baixo, há associação positiva significativa entre a dimensão interpessoal da psicopatia e a agressão proativa, $b = .59$, 95% CI [.3050, .8685], $t = 4.14, p < .0001$. Verifica-se ainda, que quando o grau do moderador é médio, há associação positiva significativa entre a dimensão interpessoal da psicopatia e a agressão proativa, $b = .73$, 95% CI [.4792, .9841], $t = 5.76, p < .0001$. Por fim, quando o grau do moderador é elevado, há associação positiva significativa entre a dimensão interpessoal da psicopatia e a agressão proativa, $b = 1.12$, 95% CI [.8638, 1.3665], $t = 8.81, p < .0001$. Conclui-se assim que, há uma associação significativa entre a dimensão interpessoal da psicopatia e a agressão proativa, na presença de abuso sexual

(Figura 3). Ou seja, o abuso sexual independentemente de o seu nível ser baixo/médio/alto associado a níveis médios/elevados de grandiosidade e manipulação, traduzem um aumento significativo da agressão proativa.

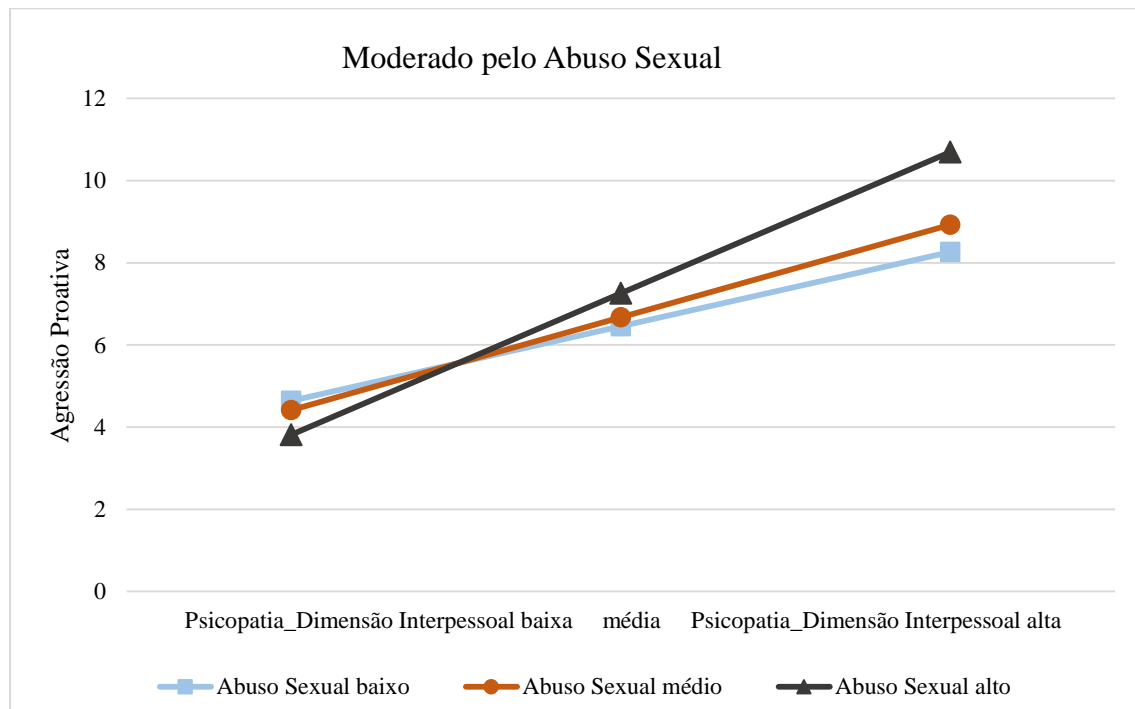


Figura 3. Efeito moderador do abuso sexual na associação entre a dimensão interpessoal da psicopatia e a agressão proativa.

Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo analisar o papel das experiências traumáticas na relação entre psicopatia e comportamentos agressivos proativos em jovens a cumprir medidas de internamento em Centros Educativos e em Estabelecimentos Prisionais em Portugal. Os resultados obtidos indicam que a psicopatia está positivamente associada com o abuso físico e com o abuso emocional. Por sua vez, a psicopatia encontra-se ainda positivamente associada à agressão proativa. Os resultados indicam que na presença de traços

psicopáticos, os jovens têm uma maior predisposição para adotar comportamentos violentos. Segundo a literatura, a psicopatia está associada a níveis mais elevados de agressão proativa, fomentando uma premeditação das suas ações de forma a obter algum outro objetivo além do dano da vítima (Anderson & Bushman, 2002; Bezdjian, Tuvblad, Raine, & Baker, 2011; Blair, 2001). Segundo Gomes e Almeida (2010), existem influências ambientais que contribuem para o desenvolvimento de traços psicopáticos em jovens, nomeadamente os maus-tratos, as humilhações e os abusos, que podem levar o indivíduo a uma dessensibilização emocionalmente superficial e a repetir a violência sofrida nas suas relações interpessoais. A partir da análise de resultados é ainda visível a associação positiva entre as dimensões das experiências traumáticas, nomeadamente o abuso emocional, o abuso físico e a negligência emocional, com a agressão proativa. Nesta medida, é observado que experienciar maus-tratos precocemente leva a que haja uma maior predisposição para adotar comportamentos violentos no futuro. As teorias do desenvolvimento defendem que experienciar maus-tratos precocemente representam sérios riscos para o desenvolvimento de comportamentos violentos na infância, e que o impacto dessas experiências é um forte preditor de comportamentos agressivos na idade adulta, tornando estas crianças nove vezes mais propensas em adotar comportamentos criminais (Gold, Sullivan, & Lewis, 2011; Mendes, Mari, Singer, Barros, & Mello, 2009).

Por último, verifica-se que as experiências traumáticas, nomeadamente a negligência emocional e o abuso sexual, assumem um papel moderador na associação entre a psicopatia e a agressão proativa. Nesta medida, quando existem níveis médios ou elevados de psicopatia, nomeadamente na dimensão afetiva, moderados por uma média ou elevada negligência emocional, os níveis de agressão proativa são elevados. Desta forma, a negligência emocional alta na presença de uma elevada frieza emocional, refletem um aumento da agressão proativa.

Relativamente ao abuso sexual, quando estão presentes níveis médios e elevados de psicopata, nomeadamente na dimensão interpessoal (grandiosidade e manipulação), moderados pelo abuso sexual, independentemente do nível da sua intensidade, os níveis de agressão proativa são elevados. Segundo Vahl e colaboradores (2016) os traços psicopáticos e experienciar maus-tratos precocemente são fatores de risco para o desenvolvimento da agressão. De forma semelhante, estudos recentes mostraram que jovens a cumprir medidas privativas da liberdade com histórias de maus-tratos e com altos níveis de traços psicopáticos são mais propensos a desenvolver problemas de saúde mental e comportamentos agressivos (Cima, Smeets, & Jelcic, 2008; Edens, Skopp, & Cahill, 2008; King et al., 2011; Muñoz & Frinck, 2012). Da mesma forma, jovens detidos que relataram uma combinação de experienciar maus-tratos e de traços psicopáticos mostram taxas muito mais elevadas de comportamentos agressivos (Kerig, Bennett, Thompson, & Becker, 2012; Kimonis, Skeem, Cauffman, & Dmitrieva, 2011; Vaughn, Edens, Howard, & Smith, 2009).

A partir do presente estudo observa-se que características psicopáticas e experienciar maus-tratos precoces, nomeadamente negligência emocional e abuso sexual, contribuem para o desenvolvimento de comportamentos agressivos proativos. Deste modo, a intervenção focada somente na psicopatia poderá apresentar resultados significativos na diminuição do comportamento agressivo, no entanto não será suficiente. Uma vez que a negligência emocional e o abuso sexual são moderadores da relação entre a psicopatia e a agressão proativa. Apesar dos problemas serem semelhantes e encontrarem-se associados, os jovens que experienciaram na infância maus-tratos precisarão de uma abordagem de tratamento diferente do que aqueles que apresentam problemas relacionados apenas com traços psicopáticos (Kerig & Alexander, 2012). Desta forma, surge a necessidade de avaliar o indivíduo através da associação entre a psicopatia, a negligência emocional e o abuso sexual,

para que seja possível diminuir o comportamento agressivo proativo. Intervenções direcionadas para o treino da empatia poderão reduzir os níveis de traços psicopáticos em jovens (Caldwell, McCormick, Wolfe, & Umstead, 2012). De forma semelhante, intervenções baseadas nas evidências podem ajudar os jovens com historial de maus-tratos a construir uma adaptação focada no trauma (Kerig & Alexander, 2012). Intervenções focadas na regulação emocional podem ser úteis para reduzir o comportamento agressivo (Robertson, Daffern, & Bucks, 2014), uma vez que estes indivíduos tendem a apresentar défices na regulação emocional e no controlo de impulsos. As estratégias de regulação emocional tem o objetivo de controlar as suas emoções e de encontrar um equilíbrio na regulação das mesmas, assim como modificar algumas crenças adquiridas pelos jovens ao longo da sua trajetória delinquencial. Glick e Goldstein (1987) desenvolveram o programa *Agression Replacement Training* (ART) – Treino de Substituição de agressividade, que combina o uso de técnicas da terapia cognitiva e da terapia comportamental. Esta intervenção usada em jovens e crianças agressivas e hostis é constituída por três componentes, a componente comportamental com o treino de competências sociais, a componente emocional e a componente de valores com o treino de raciocínio moral.

O presente estudo evidencia algumas contribuições, implicações práticas e limitações que importam referir. Neste sentido, sublinha-se que a investigação permitiu compreender a importância das experiências traumáticas na adoção de comportamentos violentos em jovens delinquentes, podendo contribuir assim para intervenções mais eficazes face aos comportamentos agressivos, levando ao aprimoramento de programas de prevenção. A partir dos resultados é exequível ter uma perceção mais vasta de diferentes fatores que podem estar implicados no desenvolvimento da agressão proativa.

No decorrer da realização da investigação foram entendidas certas limitações, embora tivesse havido um esforço por parte dos investigadores no sentido de minimizar e antecipar os problemas encontrados ao longo do estudo. Em primeiro lugar, a normalidade de algumas subescalas das experiências traumáticas, nomeadamente o abuso físico, o abuso sexual, o abuso emocional e a negligência física não foi confirmada. Posteriormente, a baixa consistência interna de algumas dimensões utilizadas (e.g. dimensão comportamental da psicopatia e a negligência física), aconselhando-se que em investigações futuras se empreguem medidas destes constructos que apresentem melhor fiabilidade.

Os resultados desta investigação poderão ter implicações importantes na avaliação e intervenção psicológica de jovens delinquentes, em particular jovens que apresentem traços psicopáticos e que tenham sido vítimas de maus-tratos na infância. As investigações futuras deverão incluir variáveis psicopatologias (ansiedade e depressão), a raiva e hostilidade como moderadoras e estudar o papel moderador dos maus-tratos na relação entre a psicopatia e a agressão proativa em amostras do sexo feminino.

Referências

- Abram, K. M., Teplin, L. A., Charles, D. R., Longworth, S. L., McClelland, G. M., & Dulcan, M. K. (2004). Posttraumatic stress disorder and trauma in youth in juvenile detention. *Archives of General Psychiatry, 61*, 403–410.
- Andershed, H., Gustafson, S., Kerr, M., & Stattin, H. (2002). The usefulness of self-reported psychopathy-like traits in the study of antisocial behaviour among non-referred adolescents. *European Journal of Personality, 16*, 383-402.
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology, 53*, 27–51. doi:10.1146/annurev.psych.53.100901.135231
- Barroso, R. (2012). *Características e especificidades de jovens agressores sexuais*. Tese de doutoramento (não publicada). Departamento de Educação, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Bellis, M. A., Lowey, H., Leckenby, N., Hughes, K., & Harrison, D. (2013). Adverse childhood experiences: Retrospective study to determine their impact on adult health behaviors and health outcomes in a UK population. *Journal of Public Health, 36*(1), 81–91. doi:10.1093/pubmed/fdt038
- Bezdjian, S., Tuvblad, C., Raine, A. & Baker, L., A. (2011). The genetic and environmental covariation among psychopathic personality traits, and reactive and proactive aggression in childhood. *Child Development, 82*(4), 1267-81.
- Blair, R., J., R. (2001). Neurocognitive models of aggression, the antisocial personality disorders, and psychopathy. *Journal of Neurology, Neurosurgery & Psychiatry, 71*, 727-731.

- Brendgen, M., Vitaro, F., Tremblay R. E., & Lavoie F. (2001). Reactive and proactive aggression: Predictions to physical violence in different contexts and moderating effects of parental monitoring and caregiving behavior. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 29(4), 293–304.
- Caldwell, M. F., McCormick, D., Wolfe, J., & Umstead, D. (2012). Treatment-related changes in psychopathy features and behavior in adolescent offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 39(2), 144-155.
- Camodeca, M., Goossens, F. A., Terwogt, M. M., & Schuengel C. (2002). Bullying and victimization among school-age children: Stability and links to proactive and reactive aggression. *Social Development*, 11(3), 332–345. doi:10.1111/1467-9507.00203
- Card, N. A., & Little, T. D. (2006). Proactive and reactive aggression in childhood and adolescence: A meta-analysis of differential relations with psychosocial adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, 30(5), 466–480.
- Card, N. A., & Little, T. D. (2007). Differential relations of instrumental and reactive aggression with maladjustment: Does adaptivity depend on function? *Aggression and adaptation: The bright side to bad behavior*. Editors: P. H. Hawley, T. D. Little, P. Rodkin. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, pp. 107–134.
- Chabrol, H., Valls, M., Leeuwen, N., & Bui, E. (2012). Callous-unemotional and borderline traits in nonclinical adolescents: Personality profiles and relations to antisocial behavior. *Personality and Individual Differences*, 53(8), 969-973.
- Cima, M., & Raine, A. (2009). Distinct characteristics of psychopathy relate to different subtypes of aggression. *Personality and Individual Differences*, 47(8), 835-840.

- Cima, M., Smeets, T., & Jelicic, M. (2008). Self-reported trauma, cortisol levels, and aggression in psychopathic and non-psychopathic prison inmates. *Biological Psychology, 78*(1), 75-86.
- Dias, A., Sales, L., Carvalho, A., Castro-Vale, I., Kleber, R., & Cardoso, R., M. (2013). Estudo de propriedades psicométricas do Questionário de Trauma de Infância – Versão breve numa amostra portuguesa não clínica. *Laboratório de Psicologia, 11*(2), 103-120.
- Dierkhising, C. B., Ko, S. J., Woods-Jaeger, B., Briggs, E. C., Lee, R., & Pynoos, R. S. (2013). Trauma histories among justice-involved youth: Findings from the National Child Traumatic Stress Network. *European Journal of Psychotraumatology, 4*.
- Edens, J. F., Skopp, N. A., & Cahill, M. A. (2008). Psychopathic features moderate the relationship between harsh and inconsistent parental discipline and adolescent antisocial behavior. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 37*(2), 472-476. doi:10.1080/15374410801955938
- Feilhauer, J., Cima, M. & Arntz, A. (2012). Assessing callous-unemotional traits across different groups of youths: Further cross-cultural validation of the Inventory of Callous-Unemotional Traits. *International Journal of Law and Psychiatry, 35*(4), 251-62.
- Ferrari, D. (2002). O Fim do Silêncio na Violência Familiar, Teoria e Prática. Ferrari, D (Ed). *Definição de Abuso na Infância e na Adolescência. Capítulo 4. São Paulo, Join Bureau, pp. 84-87.*
- Fite, P. J., Colder, C. R., Lochman, J. E., & Wells, K. C. (2008). Developmental trajectories of proactive and reactive aggression from 5th to 9th grade. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 37*(2), 412-421.

- Fite, P. J., Stoppelbein, L., & Greening, L. (2009). Proactive and reactive aggression in a child psychiatric inpatient population. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 38*(2), 199–205.
- Formiga, N., Aguiar, M. & Omar, A. (2008) Busca de sensação e condutas antissociais e delitivas em jovens. *Psicologia, Ciência e Profissão, 28*(4), 668-681.
- Frick, P., Kimonis, E., Dandreaux, D., & Farrel, J. (2003). The 4 year stability of psychopathic traits in non-referred youth. *Behavioral Sciences and the Law, 21*(6), 713-736.
- Glenn, A. L., & Raine, A. (2009). Psychopathy and instrumental aggression: Evolution, neurobiological, and legal perspectives. *International Journal of Law and Psychiatry, 32*(4), 253-258.
- Glick, B., & Goldstein, A. (1987). Aggression replacement training. *Journal of Counseling & Development, 65*(7), 356-362. doi:10.1002/j.1556-6676.1987.tb00730.x
- Gold, J., Sullivan, M. W., & Lewis, M. (2011). The relation between abuse and violent delinquency: The conversion of shame to blame in juvenile offenders. *Child Abuse & Neglect, 35*(7), 459–467.
- Gomes, C., C & Almeida, R., M., M. (2010). Psicopatia em homens e mulheres. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 62*(1).
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology, 4*(1), 217–246.
- Hayes, A. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: a regression-based approach*. New York, NY: The Guilford Press.

- Hubbard, J. A., McAuliffe, M. D., Morrow, M. T., & Romano, L. J. (2010). Reactive and proactive aggression in childhood and adolescence: Precursors, outcomes, processes, experiences, and measurement. *Journal of personality, 78*(1), 95-118.
- Kazdin, A. & Buela-Casal, G. (2001). *Conduta anti-social. Avaliação, Tratamento e Prevenção na Infância e na Adolescência*. Amadora, McGraw-Hill.
- Kempes, M., Matthys, W., de Vries, H., & van Engeland, H. (2005) Reactive and proactive aggression in children—A review of theory, findings and the relevance for child and adolescent psychiatry. *European Child & Adolescent Psychiatry, 14*(1), 11–19.
- Kerig, P. K., & Alexander, J. F. (2012). Family matters: integrating trauma treatment into functional family therapy for traumatized delinquent youth. *Journal of Child & Adolescent Trauma, 5*(3), 205-223. doi:10.1080/19361521.2012.697103
- Kerig, P. K., Bennett, D. C., Thompson, M., & Becker, S. P. (2012). “Nothing really matters”: emotional numbing as a link between trauma exposure and callousness in delinquent youth. *Journal of Traumatic Stress, 25*(2), 272-279. doi:10.1002/jts.21700
- Kimonis, E.R., Skeem, J. L., Cauffman, E., & Dmitrieva, J. (2011). Are secondary variants of juvenile psychopathy more reactively violent and less psychosocially mature than primary variants? *Law and Human Behavior, 35*(5), 381-391. doi:10.1007/s10979-010-9243-3
- King, D. C., Abram, K. M., Romero, E. G., Washburn, J. J., Welty, L. J., & Teplin, L. A. (2011). Childhood maltreatment and psychiatric disorders among detained youths. *Psychiatric Services, 62*(12), 1430-1438. doi:10.1176/appi.ps.004412010
- Kruh, I. P., Frick, P. J. & Clements, C. B. (2005). Historical and personality correlates to the violence patterns of juveniles tried as adults. *Criminal Justice and Behavior, 32*(1), 69–96.

- Malmgren, K. W., & Meisel, S. M. (2004). Examining the link between child maltreatment and delinquency for youth with emotional and behavior disorders. *Child Welfare*, 83(2), 175-88.
- Manso, A. & Almeida, A. T. (2009). Um discurso a duas vozes: Potencialidades de um estudo interpretativo sobre lei e institucionalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 455-465.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- McGrath, S. A., Nilsen, A. A., & Kerley, K. R. (2011). Sexual victimization in childhood and the propensity for juvenile delinquency and adult criminal behavior: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 16, 485–492.
- Mendes, D. D., Mari, J. de J., Singer, M., Barros, G. M., & Mello, A. F. (2009). Estudo de revisão dos fatores biológicos, sociais e ambientais associados com o comportamento agressivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31, S77–85.
- Moffitt, T. (1993). Adolescent-limited and life-persistent antisocial behaviour: A developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100(4), 674-701.
- Muñoz, L. C., & Frinck, P. J. (2012). Callous-unemotional traits and their implication for understanding and treating aggressive and violent youths. *Criminal Justice and Behavior*, 39(6), 794-813. doi:10.1177/0093854812437019
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências Juvenis*. Lisboa, Editorial Notícias.
- Orobio de Castro, B., Merk, W., Koops, W., Veerman, J. W., & Bosch, J. D. (2005). Emotions in social information processing and their relations with reactive and proactive aggression in referred aggressive boys. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 30(1), 105–116.

- Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology, 21*, 913-938.
- Pechorro, P. (2011). *Delinquência juvenil: Estudo de algumas variáveis psicológicas e relacionais com ênfase nos traços psicopáticos*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Pechorro, P., Andershed, H., Ray, J. V., Maroco, J., & Gonçalves, R. A. (2015). Validation of the Youth Psychopathic Traits Inventory and Youth Psychopathic Traits Inventory – Short version among incarcerated juvenile delinquents. *Journal of Psychopathology and Behavior Assessment*, doi:10.1007/s10862-015-9490-1
- Pechorro, P., Maroco, J., Gonçalves, R., Nunes, C., & Jesus, S. (2014). Psychopathic traits and age of crime onset in male juvenile delinquents. *European Journal of Criminology, 1*(3), 288–302.
- Pechorro, P., Ray, J. V., Raine, A., Maroco, J., & Gonçalves, R. A. (2015). The Reactive-Proactive Aggression Questionnaire: Validation Among a Portuguese Sample of Incarcerated Juvenile Delinquents. *Journal of Interpersonal Violence, 1-23*
- Polman, H., Orobio de Castro, B., Thomaes, S., & van Aken, M. (2009). New directions in measuring reactive and proactive aggression: Validation of a teacher questionnaire. *Journal of Abnormal Child Psychology, 37*(2), 183–193.
doi:10.1007/s10802-008-9266-0
- Porter, S., & Woodworth, M. (2006). *Psychopathy and aggression*. In C. J. Patrick (Ed), *Handbook of psychopathy* (pp. 481-494). New York: Guilford Press.

- Pral, C. (2007). *Oportunidade e Risco: suporte social e fatores psicossociais associados ao fenómeno da delinquência juvenil*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Legal. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.
- Preacher, K. J. & Hayes, A. F. (2004). SPSS and SAS procedures for estimating indirect effect in simple mediation models. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers*, 36(4), 717-731.
- Raine, A. (2002). Biosocial Studies of Antisocial and Violent Behavior in Children and Adults: A Review. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30(4), 311-326.
- Raine, A., Dodge, K., Loeber, R., Gatzke-Kopp, L., Lynam, D., Reynolds, C., Stouthamer-Loeber, M., & Liu, J. H. (2006). The reactive–proactive aggression questionnaire: Differential correlates of reactive and proactive aggression in adolescent boys. *Aggressive Behavior*, 32(2), 159–171.
- Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2012). Child and adolescent psychopathy: A state-of-the art reflection on the construct and etiological theories. *Journal of Criminal Justice*, 40, 269–277.
- Robertson, T., Daffern, M., & Bucks, R. S. (2014). Maladaptive emotion regulation and aggression in adult offenders. *Psychology, Crime & Law*, 20(10).
- Salekin, R., & Lynam, D. (2010). Child and adolescent psychopathy: An introduction. In R. Salekin, & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 1–12). New York, NY: Guilford.
- Salekin, R., Rosenbaum, J., & Lee, Z. (2008). Child and adolescent psychopathy: Stability and change. *Psychiatry, Psychology & Law*, 15(2), 224-236.

- Scarpa, A., Haden, S. C., & Tanaka, A. (2010). Being hot-tempered: Autonomic, emotional, and behavioral distinctions between childhood reactive and proactive aggression. *Biological Psychology, 84*, 488-496. doi: 10.1016/j.biopsycho.2009.11.006.
- Seah, S. L., & Ang, R. P. (2008). Differential correlates of reactive and proactive aggression in Asian adolescents: Relations to narcissism, anxiety, schizotypal traits, and peer relations. *Aggressive Behavior, 34*(5), 553–562.
- Silva, A. A., & Inada, J. F. (2013). As implicações psicológicas e comportamentais do abuso sexual infantil. In: *Anais Eletrônico do VIII EPCC - Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar*. Maringá, Paraná, Brasil.
- Soeiro, C. & Gonçalves, R., A. (2010). O estado de arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica, 1*(28), 227- 240.
- Stoltenborgh, M., Bakermans-Kranenburg, M. J., Alink, L. R., & IJzendoorn, M. H. (2015). The prevalence of child maltreatment across the globe: Review of a series of meta-analyses. *Child Abuse Review, 24*(1), 37-50.
- Torres, R. (2010). Que educação para o direito? Da lei tutelar educativa à intervenção educativa com delinquentes juvenis. *Ousar integrar - revista de reinserção social e prova, 7*, 35-48.
- Vahl, P., Colins, O. F., Lodewijks, H. P. B., Lindauer, R., Markus, M. T., Doreleijers, T. A. H., & Vermeiren, R. R. (2016). Psychopathic traits and maltreatment: Relations with aggression and mental health problems in detained boys. *International Journal of Law and Psychiatry, 46*, 129-136. doi:10.1016/j.ijlp.2016.02.006
- Van Baardewijk, Y., Vermeiren, R., Stegge, H., & Doreleijers, T. (2011). Self-reported psychopathic traits in children: Their stability and concurrent and prospective

- association with conduct problems and aggression. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 33(2), 236-245.
- Vaughn, M., & Howard, M. (2005). Self-report measures of juvenile psychopathic personality traits. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, 13(3), 152-162.
- Vaughn, M.G., Edens, J. F., Howard M. O., & Smith, S. T. (2009). An investigation of primary and secondary psychopathy in a statewide sample of incarcerated youth. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 7(3), 172-188. doi:10.1177/1541204009333792
- Vaz, C. G. (2013). Da relação entre experienciãção de maus tratos diretos na família e a adoção de comportamentos agressivos e antissociais. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Vitaro, F., Barker, E. D., Boivin, M., Brendgen, R. E., & Tremblay, R. E. (2006). Do early difficult temperament and harsh parenting differentially predict reactive and proactive aggression? *Journal of Abnormal Child Psychology*, 34(5), 685-695.
- Wasserman, G. A., Keenan, K., Tremblay, R. E., Coie, J., Herrenkohl, T. I., Loeber, R., & Petechuk, D. (2003). Risk and protective factors of child delinquency. In *Child Delinquency Bulletin Series*. Washington DC: Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention.
- Widom, C. S., & Maxfield, M. G. (2001). An update on the cycle of violence. *National Institute of Justice Research in Brief*. Washington, DC: National Institute of Justice.
- Xu, Y. Y., & Zhang, Z. X. (2008). Distinguishing proactive and reactive aggression in Chinese children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36(4), 539-552.
- Zappe, J. G., & Dias, A. C. G. (2012). Violência e fragilidades nas relações familiares: Refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 17(3), 389-395. doi:10.1590/S1413-294X2012000300006

ESTUDO EMPÍRICO II

**A psicopatia e a agressão proativa em adolescentes e jovens adultos agressores: o efeito
mediador do abuso físico e emocional**

*The psychopathy and proactive aggression in adolescent and young adult offenders: the
mediating effect of physical and emotional abuse*

Resumo

O presente estudo teve como objetivo testar o papel mediador dos maus-tratos vivenciados por jovens agressores na relação entre psicopatia e agressão proativa. Para este efeito, foi utilizada uma amostra clínica de 97 jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos de idade, institucionalizados em centros educativos e estabelecimentos prisionais sob tutela do Ministério da Justiça de Portugal. Os resultados obtidos permitiram observar uma relação significativa entre psicopatia e o abuso emocional e físico, assim como uma associação entre o abuso emocional e físico e a agressão proativa. De modo semelhante, o efeito direto da relação entre psicopatia e a agressão proativa é evidente, no entanto essa relação torna-se mais evidente com a presença da variável mediadora (abuso emocional e físico). Os resultados confirmam a existência de uma mediação parcial dos maus-tratos, especificamente do abuso físico e emocional, na relação entre a psicopatia e a agressão proativa, uma vez que o efeito indireto significativo é considerado baixo. A importância destes resultados para a intervenção clínica com jovens agressores é alvo de discussão.

Palavras- chave: Psicopatia, agressão proativa, maus-tratos, jovens agressores, mediação

Abstract

The present study aimed to analyse the mediating role of maltreatment in the relationship between psychopathy and proactive aggression. For this purpose, a sample of 97 juveniles between 13 and 20 years, inmates in correctional centers and prisons of the Ministry of Justice of Portugal, was used. The results suggest a significant relationship between psychopathy and emotional and physical abuse, as well as an association between emotional and physical abuse and proactive aggression. Similarly, the direct effect of the relationship between psychopathy and proactive aggression is evident, but this relationship becomes more evident with the presence of the mediator variable (emotional and physical abuse). The results confirm the existence of a partial mediation of maltreatment, specifically physical and emotional abuse, in the relationship between psychopathy and proactive aggression, since the significant indirect effect is considered low. The importance of these results for clinical intervention with young offenders is discussed.

Keywords: Psychopathy, proactive aggression, maltreatment, young aggressors, mediation

A psicopatia e a agressão proativa

A psicopatia é uma perturbação da personalidade grave definida por um conjunto de características comportamentais (e.g. comportamento antissocial, impulsividade, falta de objetivos realistas de longo prazo), interpessoais (e.g. manipulação, grandiosidade, narcisismo) e afetivas (e.g. insensibilidade, falta de remorsos e empatia) que tendem a estar associadas com um estilo de vida socialmente desviante (Chabrol, Valls, Leeuwen, & Bui, 2012; Feilhauer, Cima, & Arntz, 2012). Para Kiehl e Hoffman (2011) a psicopatia é caracterizada por imoralidade, vaidade, sedução, malvadez, manipulação, perversidade, sadismo, impulsividade, insensibilidade emocional e violência extrema.

A literatura vigente defende sistematicamente que a psicopatia é compreendida pela falta de empatia (Decety & Moriguchi, 2007; Flight & Forth, 2007) sendo mais evidente essa ausência ou déficit quando é comparada com indivíduos sem características psicopáticas (Book, Quinsey, & Langford, 2007). Vários estudos apontam que a psicopatia é fruto da junção de fatores biológicos e da personalidade com antecedentes familiares e/ou ambientais (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Segundo Forth e Book (2010) os traços psicopáticos nos jovens tendem a estar associados a um início precoce nas atividades criminais, com uma maior frequência e versatilidade do crime e com ofensas violentas mais graves. Outros estudos (Kruh, Frick, & Clements, 2005; Pechorro, Maroco, Gonçalves, Nunes, & Jesus, 2014; Salekin, Rosenbaum, & Lee, 2008; Van Baardewijk, Vermeiren, Stegge, & Doreleijers, 2011) corroboram que a psicopatia encontra-se relacionada com uma maior frequência e estabilidade dos comportamentos antissociais, a comportamentos delinquentes mais graves e violentos, a um

início precoce nas atividades ilegais, a detenções precoces por agentes de autoridade e a condenações pelos tribunais.

Várias investigações empíricas (Cima & Raine, 2009; Vitaro, Barker, Boivin, Brendgen, & Tremblay, 2006) sugerem que a psicopatia poderá estar diferencialmente ligada a diferentes tipos de agressão, nomeadamente, à agressão reativa e agressão proativa. A agressão reativa é definida como uma resposta defensiva a uma ameaça ou provocação percebida num contexto de medo, frustração ou raiva. A agressão proativa envolve uma resposta de exibição não emocional usada com o intuito de intimidar outros ou para obter um objetivo específico (Scarpa, Haden, & Tanaka, 2010). Deste modo, a agressão reativa surge com o intuito de reagir ao estímulo perpetrador da ameaça ou provocação real ou percebida, associada a uma forte emoção negativa, ou seja surge como uma atitude hostil, defensiva, emocional e impulsiva. Ao contrário, a agressão proativa é caracterizada por uma resposta instrumental, orientada para atingir objetivos ou recompensas externas, sendo muitas vezes planeada e premeditada, descrita como uma falta geral de excitação emocional (Raine et al., 2006; Scarpa, Haden, & Tanaka, 2010; Steiner et al., 2011).

O comportamento agressivo reativo está relacionado à rejeição pelo grupo, baixo-controlo, sintomas externalizados e tendência à resolução de problemas de forma hostil. O comportamento agressivo proativo, por sua vez, está associado à vitimização, timidez ou fobia social, à delinquência, criminalidade, problemas internalizados e, por vezes é ainda associada a aspetos positivos, como habilidades de liderança, iniciativa, autonomia e competência social (Little, Brauner, Jones, Nock, & Hawley, 2003; Little, Jones, Henrich, & Hawley, 2003).

Numa investigação sobre as formas de manifestação e funções do comportamento agressivo em jovens, Little, Jones e colaboradores (2003) mostraram que a agressividade reativa apareceu como uma resposta à provocação exibida por jovens competentes socialmente, mas, também, relacionada ao déficit na regulação das emoções, sugerindo frustração. Já a agressão proativa estava associada aos índices de necessidade de controlo social e, conseqüentemente, nesta situação, indicando um certo grau de competência social.

A literatura revista reforça o vínculo entre os traços psicopáticos e a agressão em crianças e jovens adultos, apontando os resultados para que crianças e jovens com traços psicopáticos sejam mais propensos a serem mais agressivos, usando a agressão instrumental (Flight & Forth, 2007; Forth & Book, 2010). De acordo com algumas investigações (Patrick, Fowles, & Krueger, 2009), a psicopatia tende a estar relacionada a uma maior tendência para adotar comportamentos instrumentais, executados com frieza emocional, e não reativos, realizados com volatilidade emocional. A relação entre a psicopatia e a agressão proativa poderá estar na base da distinção dos psicopatas dos outros indivíduos antissociais (Glenn & Raine, 2009; Porter & Woodworth, 2006).

O efeito do abuso físico e emocional na associação entre psicopatia e a agressão proativa

Os maus-tratos juvenis dizem respeito a um conjunto de ações, omissões ou comportamentos premeditados, infligidos pelos pais, cuidadores ou outra pessoa, que ameace a segurança, a dignidade e afete o desenvolvimento biopsicossocial e afetivo do menor (Leça et al., 2011). Existe uma diversidade de situações que consubstanciam a prática de maus-tratos, estes no entanto, apresentam diferentes formas clínicas, sob a forma de abuso (físico,

emocional ou sexual), negligência (física ou emocional) ou ambos durante a infância (Leça et al., 2011).

Segundo uma meta-análise realizada por Stoltenborgh, Bakermans-Kranenburg, Alink e Ijzendoorn (2015) os maus-tratos na infância apresentam taxas de prevalência elevadas em todo mundo, quer para os vários tipos de abuso - abuso físico (14-55%); abuso emocional (11-47%); abuso sexual (6-22%) – quer para a negligência - negligência emocional (15-40%); e a negligência física (7-19%).

O jovem que sofre de maus-tratos precocemente poderá ter consequências a vários níveis, quer a nível físico, afetivo, social, cognitivo e comportamental (Vaz, 2013). No entanto, estas consequências dependem ainda, da idade do menor agredido, do tipo de relação que este tem com o agressor, da personalidade do menor, da duração e da frequência da agressão, do tipo e da gravidade do ato (Ferrari, 2002). As teorias do desenvolvimento alegam que ser vítima de maus-tratos na infância representa sérios fatores de risco para o desenvolvimento de comportamentos desviantes no futuro, e que o impacto de tal experiência é um forte preditor de comportamentos agressivos na idade adulta, quando comparados a maus-tratos experienciados mais tardiamente (Mendes, Mari, Singer, Barros, & Mello, 2009). Um estudo (Widom & Maxfield, 2001) publicado pelo National Institute of Justice (NIJ) concluiu que, crianças submetidas a experiências traumáticas na infância aumentam em 29% a probabilidade de delinquência na idade adulta.

Os maus-tratos na infância tendem a estar relacionados com uma grande variedade de efeitos adversos de curto e longo prazo para a saúde física e mental das suas vítimas (Brown, Fang, & Florença, 2011; Twardosz & Lutzker, 2010). Jovens que experienciaram maus-tratos poderão estar em risco de se tornarem autores de atos de violência na idade adulta, um fenómeno que tem sido rotulado como “ciclo de violência” (Maxfield & Widom, 1996;

Wilson, Stover, & Berkowitz, 2009). Segundo várias pesquisas (Abram et al., 2004; Kerig, Ward, Vanderzee, & Moeddel, 2009), o “ciclo de violência” é preocupante, devido aos altos índices de maus-tratos na infância entre os jovens envolvidos na justiça juvenil. Entre esses jovens, a exposição a eventos traumáticos, direta (abuso infantil e negligência) ou indiretamente (presenciar violência doméstica), estão associados com a agressão.

Objetivos e hipóteses do presente estudo

Foi objetivo geral da presente investigação testar o papel mediador das experiências traumáticas/ maus-tratos na associação entre psicopatia e agressão proativa, em jovens a cumprir medidas de internamento em Centros Educativos e em Estabelecimentos Prisionais em Portugal. Em concreto pretendeu-se, num primeiro momento, analisar as associações entre as dimensões da psicopatia, a agressão proativa e o abuso emocional e físico. Num segundo momento, procurou-se analisar de que forma o abuso emocional e físico podem exercer um efeito mediador na relação entre psicopatia e agressão proativa (Figura 4).

Atendendo aos objetivos propostos, como primeira hipótese foi esperado que as dimensões da psicopatia, das experiências traumáticas e a agressão proativa se correlacionassem significativamente entre si. Posteriormente, foi esperado que o abuso emocional e físico exercessem um papel mediador na relação entre psicopatia e agressão proativa. Em suma, as hipóteses levantadas foram:

Hipótese 1: A psicopatia e as experiências traumáticas estão positivamente correlacionada com a agressão proativa.

Hipótese 2: A experiencição de abuso emocional e físico medeiam a relação entre a psicopatia e a agressão proativa.

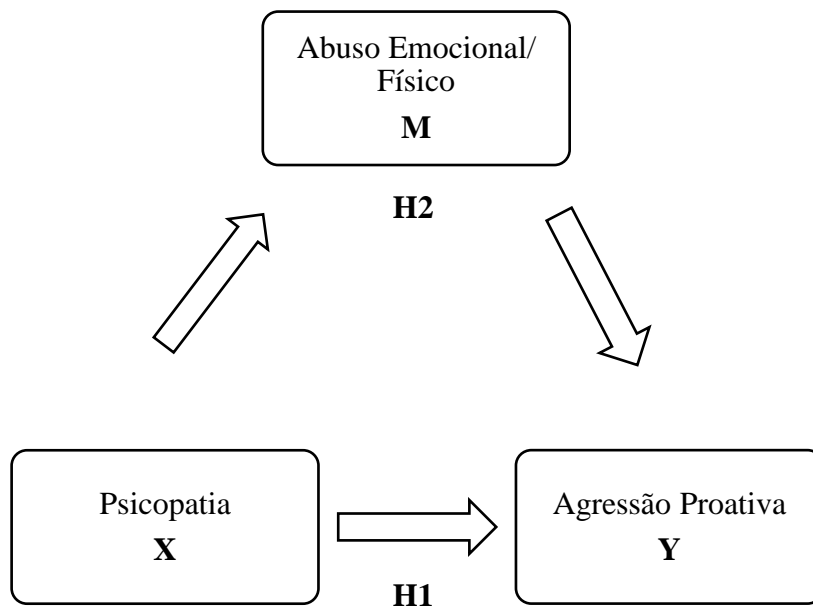


Figura 4. Modelo representativo das hipóteses em estudo. *H1: Efeito direto – a variável independente (X) afeta a variável dependente (Y); H2: Efeito indireto – a variável independente (X) afeta a variável dependente (Y) através da variável mediadora (M).*

Metodologia

Amostra

A amostra é constituída por 97 participantes do sexo masculino com idades compreendidas entre 13 e os 20 anos de idade (M=16,9; DP=1,4). No momento da prática do crime os jovens tinham idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos de idade (M=14,6; DP=1,4). Todos os jovens encontravam-se sob tutela da Direção Geral de Reinserção Social e Serviços Prisionais (DGRSP), estando institucionalizados em Centros Educativos (CE) e Estabelecimentos Prisionais (EP). Assim, dos 97 jovens, 12 (12.4%) encontravam-se institucionalizados no Estabelecimento Prisional de Leiria (EPL), 10 (10.3%) no Centro Educativo do Mondego (CEM), 15 (15.5%) no Centro Educativo Padre António Oliveira

(CEPAO), 18 (18.5%) no Centro Educativo de Santo António (CESA), 25 (25.8%) no Centro Educativo dos Olivais (CEO) e 17 (17.5%) no Centro Educativo da Bela Vista (CEBV). Dos 97 sujeitos que participaram na investigação é possível distinguir três grupos de acordo com a tipologia do crime cometido: crime sexual (7.2%, n=7), crime não sexual (84.6%; n=82) e ambos os crimes anteriores (8.2%; n=8) (Tabela 3).

Os sujeitos completaram os autorrelatos individualmente e anonimamente, tendo sido os questionários entregues diretamente aos investigadores. Previamente, foi-lhes explicado o objetivo da investigação e entregue o consentimento informado, em que os participantes leram e assinaram, não tendo sido entregue qualquer valor monetário pela participação no estudo.

Tabela 3
Dados sociodemográficos da amostra em estudo

	N (%)	M (DP)	Amplitude
Idade			
Momento do crime	70 (72.2%)	14.63 (1.395)	10-18
Momento da recolha	97 (100%)	16.86 (1.429)	13-20
Instituição			
Estabelecimento Prisional de Leiria	12 (12.4%)		
Centro Educativo do Mondego	10 (10.3%)		
Centro Educativo Padre António Oliveira	15 (15.5%)		
Centro Educativo de Santo António	18 (18.5%)		
Centro Educativo dos Olivais	25 (25.8%)		
Centro Educativo da Bela Vista	17 (17.5%)		
Tipo de crime			
Sexual	7 (7.2%)		
Não sexual	82 (84.6%)		
Ambos	8 (8.2%)		

Instrumentos

De acordo com os objetivos deste estudo foi selecionado um conjunto de instrumentos para a recolha de informação. A escolha destes teve em conta três aspetos: as qualidades psicométricas, adaptados à população portuguesa e, por último, fácil aplicação e preenchimento pouco demorado. A recolha de informação sobre os jovens delinquentes assentou em duas fases: Primeiramente, foi solicitado ao sujeito o preenchimento dos instrumentos de autorrelato que avaliavam um conjunto de dimensões psicológicas

(psicopatia, maus-tratos em crianças e comportamento de agressão). Numa segunda fase, com base numa grelha de recolha de dados (Dados processuais), o investigador recolheu as informações que constavam no processo individual dos jovens.

Especificamente, os instrumentos aplicados foram: a Grelha de recolha de dados processuais – agressor (Barroso, 2012), o Inventário de Traços Psicopáticos em Jovens (Youth Psychopathic Traits Inventory (short-version) – YPI; Van Baardewijk et al., 2010; tradução e adaptação portuguesa de Pechorro, Andershed, Ray, Maroco, & Gonçalves, 2015), o Questionário Sobre Traumas na Infância (Childhood Trauma Questionnaire – CTQ-SF; Bernstein & Fink, 1998; adaptação portuguesa de Dias et al., 2013), o Questionário de Agressividade Reativa-Proativa (Reactive-Proactive Aggression Questionnaire – RPQ; Raine et al., 2006; adaptação portuguesa por Pechorro, Ray, Raine, Maroco, & Gonçalves, 2015).

Grelha de Recolha de Dados Processuais-Agressor

A grelha de recolha de dados processuais do agressor consiste num documento preenchido pelo investigador aquando da recolha de dados dos jovens delinquentes, tendo em conta as informações constantes no respetivo processo individual. Foram registadas informações sociodemográficas do próprio agressor, do seu contexto familiar, contexto residencial e comunitário, história desenvolvimental, história de institucionalização, história de comportamentos delinquentes, relacionamentos afetivos, escolaridade, informações detalhadas sobre o crime cometido (sexual ou não sexual), variáveis jurídicas, sexualidade, competências interpessoais, uso/abuso de substâncias e história médica.

Inventário de Traços Psicopáticos em Jovens – YPI

O Inventário de Traços Psicopáticos em Jovens – versão curta (Youth Psychopathic Traits Inventory (short-version) – YPI; Van Baardewijk et al., 2010; tradução e adaptação portuguesa de Pechorro, Andershed, Ray, Maroco, & Gonçalves, 2015) é uma medida de autorrelato composta por 18 itens para avaliar traços psicopáticos em adolescentes. Os itens estão distribuídos pelos fatores: Dimensão Interpessoal (grandiosidade / manipulação), Dimensão Afetiva (traços calosos / insensibilidade) e Dimensão Comportamental (impulsividade / irresponsabilidade). Cada item é cotado numa escala de Likert de 4 pontos, de *Discordo Muito* a *Concordo Muito*, sendo, 1 – *Discordo Muito*; 2- *Discordo*; 3- *Concordo*; 4- *Concordo Muito*. A pontuação final é a soma total de todos os itens. Pontuações mais elevadas indicam uma maior presença dos traços em questão para cada dimensão. A análise da consistência interna revelou valores de *alpha* de *Cronbach* de .73 para a totalidade do instrumento. Relativamente a cada uma das dimensões, o *alpha* observado foi de .60 para a dimensão comportamental, .71 para a dimensão afetiva e .65 para a dimensão interpessoal.

Questionário Sobre Traumas na Infância – CTQ-SF

O Questionário Sobre Traumas na Infância – CTQ-SF (Childhood Trauma Questionnaire; Bernstein & Fink, 1998; adaptação portuguesa de Dias et al., 2013), é um instrumento de autorresposta aplicado a adolescentes a partir dos 12 anos, e adultos. É constituído por 28 itens relacionados com situações ocorridas na infância agrupados em 5 subescalas: abuso físico, abuso emocional, abuso sexual, negligência física e negligência emocional. Possui ainda um índice de negação. Os itens são classificados numa escala de Likert de 5 pontos de *Nunca* a *Sempre*, (1- *nunca*, 2- *poucas vezes*, 3- *às vezes*, 4- *muitas*

vezes e 5- sempre). A pontuação total e as pontuações de cada dimensão são obtidas somando os respectivos itens. Pontuações mais elevadas indicam uma maior presença dos traços em questão. No que diz respeito às características psicométricas, verificou-se que o instrumento apresenta uma boa consistência interna para a totalidade da escala uma vez que o seu *alpha* de *Cronbach* corresponde a .81. No que diz respeito à consistência interna por dimensões, observa-se um *alpha* de .63 na negligência física, .80 na negligência emocional, .76 no abuso emocional, .85 no abuso físico, e .78 no abuso sexual.

Questionário de Agressividade Reativa-Proativa – RPQ

O Questionário de Agressividade Reativa-Proativa (*Reactive-Proactive Aggression Questionnaire* – RPQ; Raine et al., 2006 adaptação portuguesa por Pechorro, Ray, Raine, Maroco, & Gonçalves, 2015) é uma medida de autorresposta constituída por 23 itens que distingue a agressividade reativa da agressividade proativa. Os 23 itens são classificados numa escala ordinal de 3 pontos, de *Nunca* a *Frequentemente* (0- *Nunca*; 1- *Às vezes*; 2- *Frequentemente*). Dos 23 itens, 11 têm como objetivo avaliar a agressão reativa, e 12 itens avaliam a agressão proativa. A pontuação total e as pontuações de cada dimensão são obtidas somando os respectivos itens. Este questionário pode ser utilizado com adolescentes e jovens adultos. Pontuações mais elevadas indicam uma maior presença dos traços em questão. O RPQ apresenta boas propriedades psicométricas, tendo sido o *alpha* de *Cronbach* de .93 (agressão reativa [$\alpha = .88$] e agressão proativa [$\alpha = .89$]). Dados os objetivos deste estudo apenas foi utilizada a subescala agressão proativa, que apresentou boas propriedades psicométricas.

Procedimento

Numa fase inicial foi solicitada a autorização institucional à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, para a recolha de dados para a realização da investigação. A recolha da informação sobre os delinquentes juvenis foi efetuada em estreita colaboração com os responsáveis superiores das instituições, que orientaram o nosso trabalho no terreno. Previamente foi acertado o período temporal para a recolha dos dados e transmitidos os objetivos do estudo. Já na instituição foi fornecida ao investigador uma listagem com os nomes dos sujeitos que iriam participar no estudo. Primeiramente, foram aplicados os instrumentos de autorrelato aos jovens institucionalizados em espaços fornecidos pelas instituições, havendo a necessidade de uma articulação contínua com os profissionais de segurança. Os jovens foram convidados individualmente ou em pequenos grupos (máximo 4) a participar na investigação, sendo para esse efeito explicado o âmbito da investigação, fornecido o consentimento informado e, depois, o preenchimento dos questionários referidos anteriormente. No total foram contabilizadas 5 recusas em participar na investigação, devido a reservas quanto ao anonimato e confidencialidade dos dados. O tempo de aplicação dos questionários a cada grupo de sujeitos aproximou-se dos 20 minutos. Procurou-se implementar a avaliação em momentos que não perturbassem o ambiente institucional. Nenhum dos participantes que concordou participar na investigação desistiu durante o preenchimento dos questionários. A voluntariedade na participação do estudo e a confidencialidade dos dados recolhidos foram sempre alvo de atenção.

Seguidamente e durante alguns dias, foram consultadas os dados processuais constantes no *dossier* do jovem da DGRSP, designadamente no que respeitava aos dados do seu percurso institucional e nas peças disponibilizadas pelos tribunais. Da mesma forma,

foram analisados os relatórios sociais e os de avaliação psicológica. A consulta detalhada de cada processo demorou em média, cerca de 1 hora.

Para o tratamento estatístico recorreu-se ao *Statistical Package for the Social Science* (SPSS), versão 23.0. Inicialmente foram identificados e excluídos os *missing values* e os *outliers* de forma a não se fazer sentir os seus efeitos nas análises estatísticas. Posteriormente, procedeu-se à caracterização da amostra, recorrendo-se a análises de natureza descritiva e foi testada a consistência interna (*alpha* de *Cronbach*) dos instrumentos utilizados.

Seguidamente, foram observados os valores de assimetria (*skeweness*) e achatamento (*kurtosis*) com o objetivo de verificar os pressupostos da normalidade dos dados.

Verificando-se que, no geral, a amostra demonstrou valores aceitáveis, com exceção das escalas da negligência física, do abuso emocional, do abuso físico e do abuso sexual. No entanto, como a amostra tem um valor total de sujeitos superior a 30, é considerada uma amostra com número suficiente para que a distribuição da média amostral seja considerada normal, optando-se por realizar testes paramétricos para as análises estatísticas (Maroco, 2007). Após estas análises preliminares e de forma a responder ao primeiro objetivo previamente delineado para esta investigação, o primeiro passo prendeu-se pela realização de análises de correlação (*Pearson*) de modo a examinar e medir a associação entre as variáveis em questão e sintetizar o seu relacionamento (Maroco, 2007). De acordo com o segundo objetivo, para testar os modelos de mediação, foi utilizado o programa *MACRO PROCESS* de Andrew F. Hayes (Hayes, 2013) que possibilita o cálculo dos modelos de mediação por meio da técnica de *bootstrapping* com a utilização do SPSS. Esta técnica calcula o intervalo de confiança, sendo um método considerado superior ao tradicional de análises de mediação, uma vez que permite estimar as propriedades da distribuição da nossa amostra, permitindo controlar o problema de uma distribuição não normal. Para testar a mediação foram

executadas regressões simultâneas dos efeitos diretos (influência da variável independente sobre a dependente depois do mediador ser introduzido) e efeitos indiretos (influência da variável independente sobre a dependente, através da variável mediadora) (Preacher & Hayes, 2004). O método calcula o intervalo de confiança (IC), sendo que para o efeito indireto ser significativo, o valor tem que se encontrar dentro dos 95% dos intervalos de confiança, e por consequência, a mediação pode considerar-se presente. Contudo, para que o efeito indireto seja significativo, não pode haver troca de sinal entre os limites dos intervalos (limite inferior e limite superior de 95%).

Segundo Preacher e Hayes (2004) a mediação para ocorrer têm que estar reunidas três condições: 1) a variável independente (dimensões da psicopatia) deve estar relacionada com o mediador (abuso físico e abuso emocional); 2) a variável independente (dimensões da psicopatia) e o mediador (abuso físico e abuso emocional) devem cada um estar significativamente correlacionado com a variável dependente (agressão proativa); e 3) a relação entre a variável independente (dimensões da psicopatia) e dependente (agressão proativa) deve ser fraca (mediação parcial) ou não existente (mediação total), quando o mediador é incluído na equação da regressão. Sublinha-se ainda que todos os resultados foram analisados e interpretados a partir do valor de significância de $p < .05$.

Resultados

Análises correlacionais

Tendo em conta o objetivo de analisar as associações entre psicopatia, experiências traumáticas e a agressão proativa dos jovens agressores, foram efetuadas análises

correlacionais entre as variáveis. Os resultados das análises inter-escalas, as médias e desvios-padrão encontram-se transcritos na tabela 4.

Os resultados indicam a existência de correlações significativas entre as várias variáveis do estudo, nomeadamente a dimensão comportamental da psicopatia está associada de forma positiva e significativa, com magnitude baixa a moderada, com a dimensão afetiva da psicopatia ($r = .25$), com a dimensão interpessoal da psicopatia ($r = .34$), com o abuso emocional ($r = .27$), com o abuso físico ($r = .28$) e com a agressão proativa ($r = .57$). Assim, maior impulsividade e/ou irresponsabilidade está associada a um maior índice de abuso emocional e físico precoces e a uma maior agressão proativa. No que diz respeito à dimensão afetiva da psicopatia, esta encontra-se correlacionada de forma positiva e significativa, com magnitude baixa, com o abuso emocional ($r = .23$), com o abuso físico ($r = .25$) e com a agressão proativa ($r = .25$). Estes valores indicam que a uma maior frieza emocional e/ou insensibilidade estão associados maiores índices de abusos emocional e físico e a uma maior agressão proativa. Relativamente à dimensão interpessoal da psicopatia, esta encontra-se, ainda, positiva e significativamente correlacionada com o abuso físico ($r = .26$) e com a agressão proativa ($r = .45$). Isto indica-nos que a uma maior grandiosidade e/ou a manipulação está associado maiores índices de abuso físico e a uma maior agressão proativa.

Tabela 4

Médias (M), desvio-padrão (DP) e correlações entre as variáveis em estudo

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1-Comportamental	-									
2-Afetiva	.25*	-								
3-Interpessoal	.34**	.13	-							
4-Abuso Emocional	.27**	.23*	.13	-						
5-Abuso Físico	.28**	.25*	.26*	.67**	-					
6-Abuso Sexual	.01	-.01	.09	.21*	.38**	-				
7-Escala de negação	-.20*	-.01	.06	-.33**	-.28**	-.13	-			
8-Negligência Emocional	.15	.17	-.04	.41**	.32**	.14	-.59**	-		
9- Negligência Física	.19	.15	.10	.42**	.40**	.10	-.44**	.63**	-	
10-Agressão Proativa	.57**	.25*	.45**	.35**	.32**	.19	-.17	.26*	.17	-
M	10.21	6.93	8.19	2.52	2.35	.86	6.71	4.27	3.21	6.77
DP	3.00	3.50	3.08	3.49	3.74	2.26	2.43	4.38	3.57	5.09

* $p < .05$; ** $p < .01$

Efeitos mediadores

Com o intuito de testar os efeitos mediadores, foram propostos quatro modelos de mediação. O primeiro inclui a dimensão comportamental como antecedente, o abuso emocional como variável mediadora e a agressão proativa como variável de resultado (Figura 5). O segundo modelo abarca a dimensão afetiva da psicopatia como variável antecedente, o

abuso emocional como variável mediadora e a agressão proativa como variável de resultado (Figura 6). O terceiro modelo abrange a dimensão afetiva como antecedente, o abuso físico como variável mediadora e a agressão proativa como variável de resultado (Figura 7). Por fim, o quarto modelo envolve a dimensão interpessoal como variável antecedente, o abuso físico como variável mediadora e a agressão proativa como variável de resultado (Figura 8).

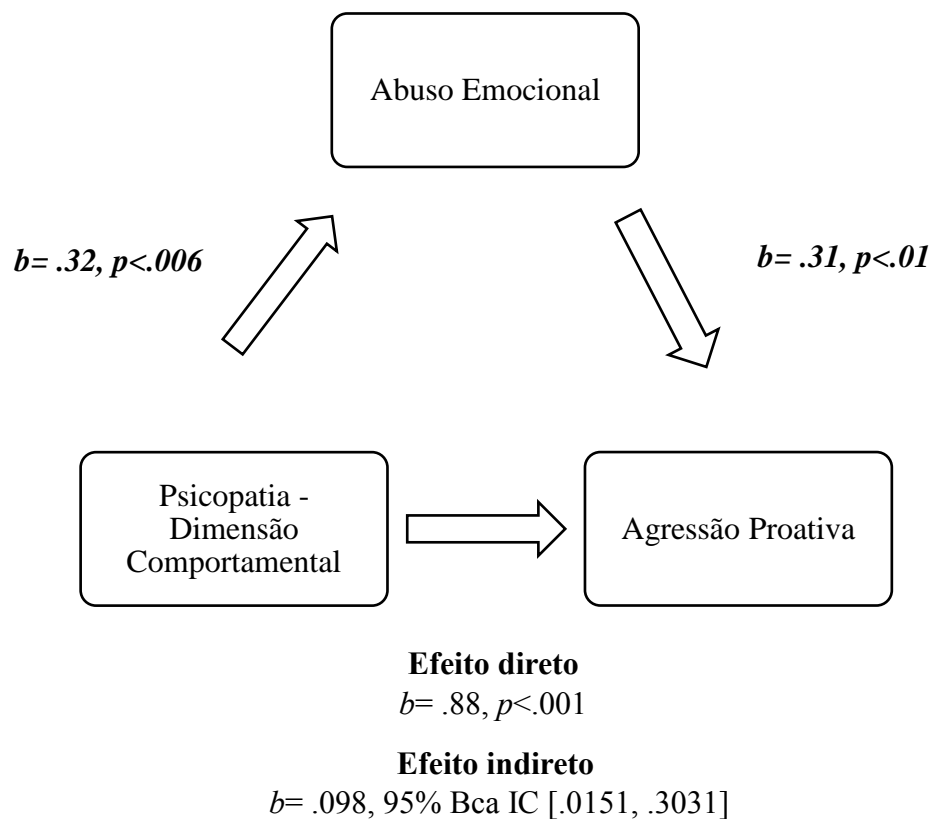


Figura 5. Modelo de mediação simples da relação entre a dimensão comportamental da psicopatologia, abuso emocional e agressão proativa

De acordo com o primeiro modelo apresentado, foi possível verificar que o abuso emocional mediou a relação entre a dimensão comportamental da psicopatologia e a agressão proativa, $F(2, 94) = 27.71, p < .001$, explicando 37.09% da variância.

Como é possível verificar na tabela 5, existe um efeito indireto significativo e positivo do abuso emocional sobre a relação entre a variável independente e de resultado, $b=.098$, Bca IC [.0151, .3031], com um tamanho de efeito pequeno, $R^2=.08$, 95% Bca IC [.0094, .2327]. O R-Square Mediation foi usado como uma medida do tamanho do efeito, em que faz a estimativa do efeito indireto.

Tabela 5
Efeito indireto do abuso emocional na relação entre a dimensão comportamental da psicopatia e a agressão proativa

	Path coefficients				R-square		
	B	SE B	95% IC	t	R ²	SE	95% IC
Agressão Proativa							
Psicopatia – Comportamental	.976	.14	[.693, 1.260]	6,84**			
Abuso Emocional	.319	,115	[.091, .547]	2,78**			
Efeito direto	,878	,145	[.591, 1.165]	6,07**			
Efeito indireto	,098	,063	[.015, .303]		.08	,053	[.009, .233]

* $p<.05$; ** $p<.01$

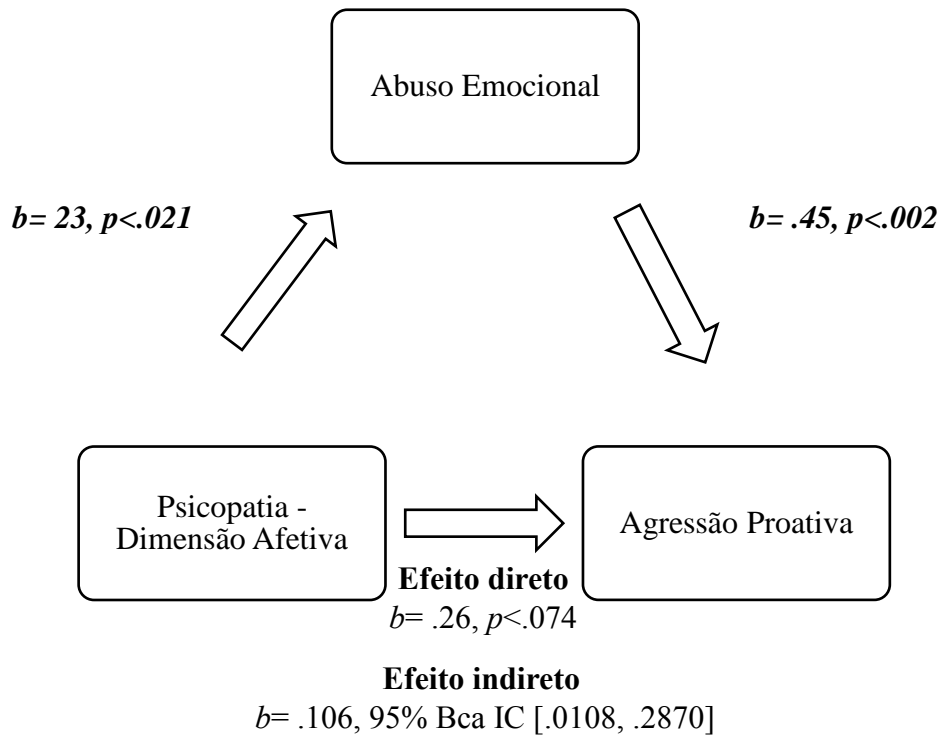


Figura 6. Modelo de mediação simples da relação entre a dimensão afetiva da psicopatia, abuso emocional e agressão proativa

Em relação ao segundo modelo apresentado, foi possível verificar que o abuso emocional mediou a relação entre a dimensão afetiva da psicopatia e a agressão proativa, $F(2, 94) = 8.53, p < .001$, explicando 15.35% da variância.

Através da análise da tabela 6, verificamos que está presente um efeito indireto significativo, $b = .1059, \text{ Bca IC } [.0108, .2870]$, com um tamanho do efeito pequeno, $R^2 = .0327, 95\% \text{ Bca IC } [.0005, .1308]$.

Tabela 6

Efeito indireto do abuso emocional na relação entre a dimensão afetiva da psicopatia e a agressão proativa

Agressão Proativa	Path coefficients				R-square		
	B	SE B	95% IC	t	R ²	SE	95% IC
Psicopatia – Afetiva	.363	.145	[.076, .650]	2.51*			
Abuso Emocional	.233	.100	[.036, .430]	2.34*			
Efeito direto	.257	.142	[-.025, .539]	1.81			
Efeito indireto	.106	.069	[.011, .287]		.03	.031	[.001, .131]

* $p < .05$; ** $p < .01$

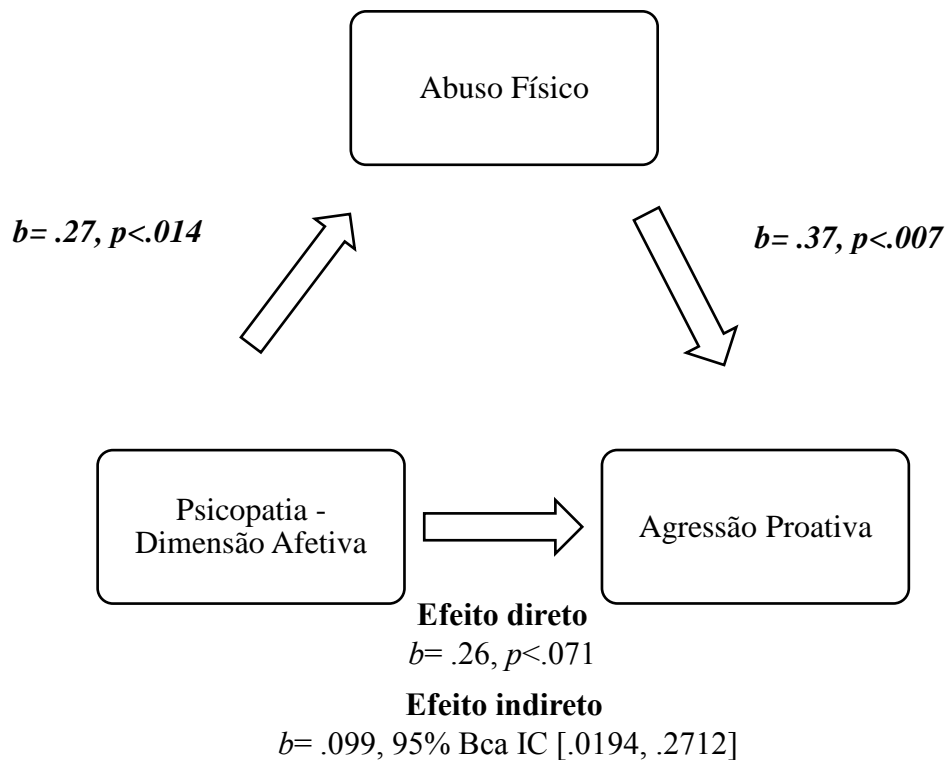


Figura 7. Modelo de mediação simples da relação entre a dimensão afetiva da psicopatia, abuso físico e agressão proativa

Relativamente ao terceiro modelo de mediação, foi possível verificar que o abuso físico mediou a relação entre a psicopatia (Afetiva) e a agressão proativa, $F(2, 94) = 7.11$, $p < .001$, explicando 13.14% da variância.

De acordo com a tabela 7, é possível verificar um efeito indireto significativo, $b = .0988$, Bca IC [.0194, .2712], com um tamanho do efeito pequeno, $R^2 = .0313$, 95% Bca IC [.0033, .1184].

Tabela 7
Efeito indireto do abuso físico na relação entre a dimensão afetiva da psicopatia e a agressão proativa

	Path coefficients				R-square		
	B	SE B	95% IC	t	R ²	SE	95% IC
Agressão Proativa							
Psicopatia – Afetiva	.363	.145	[.076, .650]	2,51*			
Abuso Físico	.267	,106	[.056, .478]	2.51*			
Efeito direto	,264	,145	[-.023, .551]	1.83			
Efeito indireto	,099	,063	[.019, .271]		.03	,027	[.003, .118]

* $p < .05$; ** $p < .01$

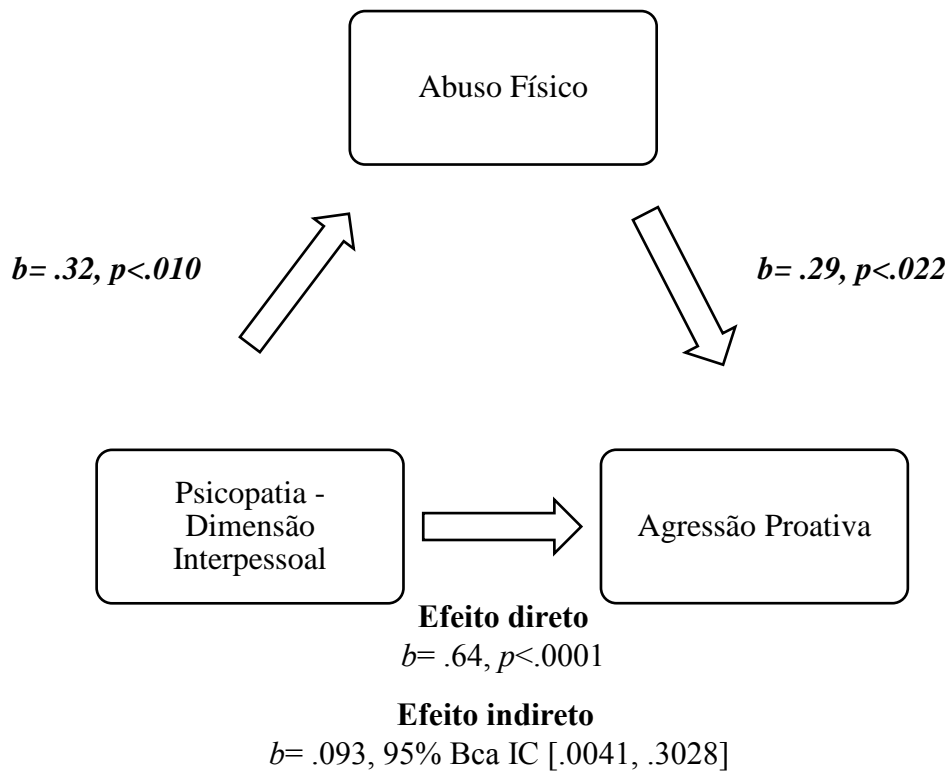


Figura 8. Modelo de mediação simples da relação entre a dimensão interpessoal da psicopatia, abuso físico e agressão proativa

Por fim, verifica-se que o abuso físico mediou a relação entre a psicopatia (Interpessoal) e a agressão proativa, $F(2, 94) = 14.97, p < .001$, explicando 24.16% da variância. Na tabela 8 verifica-se um efeito indireto significativo, $b = .0927, \text{ Bca IC } [.0041, .3028]$, com um tamanho do efeito pequeno, $R^2 = .0570, 95\% \text{ Bca IC } [.0078, .1597]$.

Tabela 8

Efeito indireto do abuso físico na relação entre a dimensão interpessoal da psicopatia e a agressão proativa

	Path coefficients				R-square		
	B	SE B	95% IC	t	R ²	SE	95% IC
Agressão Proativa							
Psicopatia – Interpessoal	.735	.152	[.434, 1.037]	4.84**			
Abuso Físico	.315	.120	[.077, .554]	2,62*			
Efeito direto	.643	.154	[.337, .948]	4.18**			
Efeito indireto	.093	.072	[.004, .303]		.06	.039	[.008, .160]

* $p < .05$; ** $p < .01$

Os resultados destas análises demonstraram que as condições necessárias propostas pelos autores Preacher e Hayes (2004) para se verificar a mediação foram assumidas: 1) os elevados níveis de psicopatia encontram-se associados a um maior abuso emocional e físico; 2) maiores níveis de abuso emocional e físico encontram-se associados a uma maior agressão proativa; 3) o efeito direto da relação entre a psicopatia (comportamental, afetiva e interpessoal) e a agressão proativa é evidente, no entanto este estudo vem a explicar que essa relação, embora exista, é mais evidente e mais forte com a presença da variável mediadora, ou seja com a presença de abuso emocional e físico. De uma forma geral, as variáveis em estudo (psicopatia, abuso físico e emocional e a agressão proativa) encontram-se numa constante correlação positiva entre si.

Os resultados apontam ainda para uma mediação parcial do abuso emocional e físico na relação entre a psicopatia e a agressão proativa, uma vez que o efeito indireto significativo é considerado como baixo, não existindo uma anulação do efeito direto da variável independente na variável dependente.

Discussão

O presente estudo pretendeu testar a psicopatia no desenvolvimento da agressão proativa em jovens agressores institucionalizados, bem como examinar o papel mediador do abuso emocional e físico na associação entre a psicopatia e a agressão proativa.

Como mencionado anteriormente, a psicopatia é avaliada pelo YPI em três dimensões (comportamental, afetiva e interpessoal); as experiências traumáticas precoces, avaliadas pelo CTQ-SF, em cinco dimensões (abuso emocional, abuso físico, abuso sexual, negligência emocional e negligência física), sendo apenas utilizadas as dimensões do abuso emocional e do abuso físico, e a agressão proativa avaliada pelo RPQ (agressão reativa e agressão proativa), sendo apenas essa a dimensão utilizada.

Através da análise de dados é possível verificar que os resultados vão ao encontro das hipóteses delineadas, observando-se que a presença de traços psicopáticos nos jovens delinquentes contribuem para a agressão proativa, podendo considerar-se um preditor do comportamento antissocial e agressivo. Deste modo, jovens que apresentam maiores níveis de psicopatia apresentam uma maior tendência para comportamentos agressivos. Estas conclusões vão ao encontro da literatura existente que indicam que a psicopatia têm vindo a ser associada à delinquência grave violenta, de início precoce e persistente (Andershed, Gustafson, Kerr, & Stattin, 2002; Frick, Kimonis, Dandreaux, & Farrel, 2003), podendo assim considerar-se a psicopatia como preditora da agressão proativa, onde indivíduos com características psicopáticas tendem a apresentar comportamentos violentos proativos com mais frequência, devido há capacidade do sujeito em premeditar as suas ações de forma a obter algum outro objetivo além do dano da vítima (Anderson & Bushman, 2002; Bezdjian, Tuvblad, Raine, & Baker, 2011; Blair, 2001). Com este estudo, também foi possível verificar

uma associação positiva entre a psicopatia e as experiências traumáticas precoces, nomeadamente o abuso emocional e o abuso físico. Vários estudos revelam que a psicopatia está correlacionada significativamente com a experiencição de maus-tratos em idade precoce. Gomes e Almeida (2010) defendem a existência de influências ambientais que contribuem para o desenvolvimento de traços psicopáticos em jovens, particularmente os maus-tratos, humilhações e abusos, que podem levar o indivíduo a uma dessensibilização emocionalmente superficial e a repetir a violência sofrida nas suas relações interpessoais.

Os resultados do estudo corroboram também com outras pesquisas já realizadas, que indicam a existência de uma relação positiva e significativa entre as experiências traumáticas precoces, nomeadamente o abuso emocional e físico, e o comportamento agressivo. A relação entre maus-tratos em idade precoce e a criminalidade na adolescência e na idade adulta tem sido corroborada em muitos estudos (Lansford et al., 2007; Maughan & Moorse, 2010; Murray, Irving, Farrington, Colman, & Bloxson, 2010; Stouthamer-Loeber, Loeber, Homish, & Wei, 2001), apesar da diversidade nas definições e na severidade dos maus-tratos. É frequentemente relatado o ciclo de violência, ou seja, a experiencição de abusos infantis leva ao desenvolvimento de comportamentos violentos na adolescência ou idade adulta (Widom, 1989).

Através da análise dos resultados, torna-se pertinente destacar as implicações práticas inerentes à realização da presente investigação, no que diz respeito à importância da compreensão do papel mediador do abuso emocional e físico na associação entre a psicopatia e a agressão proativa. A intenção de identificar e de compreender o comportamento agressivo é fundamental, uma vez que, diferentes intenções devem ser examinadas e a partir desta compreensão é que resultarão tratamentos e intervenções mais eficientes (Little, Brauner,

Jones, Nock & Hawley, 2003; Little, Jones, Henrich & Hawley, 2003). Da mesma forma, ter consciência do impacto dos maus-tratos e dos traços psicopáticos nos jovens delinquentes ajudará a adaptar a intervenção e a desenvolver um tratamento personalizado (Vahl et al., 2016).

A psicopatia mostrou-se uma forte preditora do comportamento agressivo, no entanto é possível concluir que o efeito direto é reduzido com a presença do abuso emocional e físico, que mostram ter um papel mediador. Ou seja, a relação entre a psicopatia e a agressão proativa não é direta tornando-se mais forte e evidente com a presença da variável mediadora, ou seja, do abuso emocional e físico. Um agressor proativo tende a evidenciar características psicopáticas, mas estas características não justificam na totalidade o seu comportamento. A psicopatia nos adolescentes não afeta diretamente a agressão proativa, o que acontece neste caso, é que a psicopatia na presença de experiências traumáticas precoces (o abuso emocional e físico) influenciam a tomada de um comportamento agressivo proativo. Os traços psicopáticos e historial de maus-tratos na infância são entendidos como fatores de risco para o desenvolvimento de determinados problemas mentais, assim como para o envolvimento em comportamentos agressivos (Vahl et al., 2016). Da mesma forma, outros estudos relatam que os jovens delinquentes detidos indicam uma combinação de maus-tratos e traços psicopáticos exibindo taxas elevadas de problemas mentais e de agressão (Kerig, Bennett, Thompson, & Becker, 2012; Kimonis, Skeem, Cauffman, & Dmitrieva, 2011; Vaughn, Edens, Howard, & Smith, 2009).

Os resultados do presente estudo, permitiram verificar que uma intervenção focada somente na psicopatia poderá apresentar resultados significativos na diminuição do comportamento agressivo, contudo não será suficiente. Uma vez que os jovens vítimas de

maus-tratos na infância, nomeadamente, o abuso emocional e físico são entendidos como predisposições para o comportamento delinvente. A exposição a ambientes adversos na infância, como os maus-tratos, potencializa riscos significativos para o desenvolvimento de comportamentos desviantes na adolescência e idade adulta, nomeadamente comportamentos de agressão (Smith, Ireland, & Thornberry, 2005; Wolfe, Scott, Wekerle, & Pittman, 2001).

Os resultados sugerem ainda que apesar da importância individual de ambas as variáveis dos maus-tratos (abuso emocional e físico), estas nunca devem ser tidas em conta separadamente na avaliação do comportamento agressivo do jovem. Desta forma, surge a necessidade de avaliar o sujeito através da associação entre a psicopatia, o abuso emocional e o abuso físico, para que seja possível diminuir o comportamento agressivo proativo. Jovens que apresentem altos níveis de traços psicopáticos poderão beneficiar com intervenções direcionadas para o treino da empatia (Caldwell, McCormick, Wolfe, & Umstead, 2012). Jovens com um historial de maus-tratos na infância poderão beneficiar com uma intervenção baseada nas evidências, pois esta fornece uma base sólida para ajudar a constituir uma adaptação focada no trauma (Kerig & Alexander, 2012). Programas focados na regulação emocional podem ter um impacto significativo na redução do comportamento agressivo (Robertson, Daffern, & Bucks, 2014), já que os dados indicam que estes indivíduos tendem a apresentar défices na regulação emocional e controlo de impulsos. As estratégias de regulação emocional tem o objetivo de controlar as suas emoções e de encontrar um equilíbrio na regulação das mesmas, assim como modificar algumas crenças adquiridas pelos jovens ao longo da sua trajetória delinvente. Glick e Goldstein (1987) desenvolveram o programa *Aggression Replacement Training* (ART) – Treino de Substituição de agressividade, que combina o uso de técnicas da terapia cognitiva e da terapia comportamental. Esta intervenção usada em jovens e crianças agressivos e hostis, é formada por três componentes,

a componente comportamental com o treino de competências sociais, a componente emocional e a componente de valores com o treino de raciocínio moral.

A presente investigação evidencia algumas contribuições, implicações práticas e limitações que importam referir. Neste sentido, sublinha-se que a investigação permitiu compreender a importância dos traços psicopáticos e dos maus-tratos, nomeadamente do abuso emocional e físico, na adoção de um comportamento violento em delinquentes juvenis, contribuindo assim para intervenções mais eficazes face aos comportamentos agressivos, levando ao aprimoramento de programas de prevenção. A partir dos resultados é possível ter uma perceção mais vasta de diferentes fatores que podem estar implicados no desenvolvimento da agressão proativa.

Ao longo da realização da investigação foram entendidas certas limitações, embora tivesse havido um esforço por parte dos investigadores no sentido de minimizar e antecipar os problemas encontrados ao longo do estudo. Em primeiro lugar, a normalidade de algumas subescalas das experiências traumáticas, nomeadamente o abuso físico, o abuso sexual, o abuso emocional e a negligência física não foi confirmada. Seguidamente, a dimensão comportamental da psicopatia e a negligência física apresentavam baixa consistência interna, aconselhando-se que em investigações futuras se empreguem medidas destes constructos que apresentem melhor fiabilidade. Os resultados deste estudo poderão ter implicações importantes na avaliação e intervenção psicológica de delinquentes juvenis, em particular jovens que apresentem traços psicopáticos e que tenham sido vítimas de maus-tratos na infância. As investigações futuras deverão focar-se em variáveis psicopatologias (ansiedade e depressão), raiva e hostilidade como mediadoras e estudar o papel mediador dos maus-tratos na relação entre traços psicopáticos e a agressão proativa em amostras do sexo feminino.

Referências

- Abram, K. M., Teplin, L. A., Charles, D. R., Longworth, S. L., McClelland, G. M., & Dulcan, M. K. (2004). Posttraumatic stress disorder and trauma in youth in juvenile detention. *Archives of General Psychiatry*, *61*, 403–410.
- Andershed, H., Gustafson, S. B., Kerr, M., & Stattin, H. (2002). The usefulness of self-reported psychopathy-like traits in the study of antisocial behavior among non-referred adolescents. *European Journal of Personality*, *16*(5), 383-402.
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, *53*, 27–51. doi: 10.1146/annurev.psych.53.100901.135231
- Barroso, R. (2012). *Características e especificidades de jovens agressores sexuais*. Tese de doutoramento (não publicada). Departamento de Educação, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Bezdjian, S., Tuvblad, C., Raine, A. & Baker, L., A. (2011). The genetic and environmental covariation among psychopathic personality traits, and reactive and proactive aggression in childhood. *Child Development*, *82*(4), 1267-81.
- Blair, R., J., R. (2001). Neurocognitive models of aggression, the antisocial personality disorders, and psychopathy. *Journal of Neurology, Neurosurgery & Psychiatry*, *71*, 727-731.
- Book, A. S., Quinsey, V. L. & Langford, D. (2007). Psychopathy and the perception of affect and vulnerability. *Criminal Justice and Behavior*, *34*(4), 531-544.

- Brown, D. S., Fang, X., & Florence, C. S. (2011). Medical costs attributable to child maltreatment a systematic review of short- and long –term effects. *American journal of preventive medicine*, 41(6), 627-35. doi:10.1016/j.amepre.2011.08.013
- Caldwell, M. F., McCormick, D., Wolfe, J., & Umstead, D. (2012). Treatment-related changes in psychopathy features and behavior in adolescent offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 39(2), 144-155.
- Chabrol, H., Valls, M., Leeuwen, N., & Bui, E. (2012). Callous-unemotional and borderline traits in nonclinical adolescents: Personality profiles and relations to antisocial behavior. *Personality and Individual Differences*, 53(8), 969-973.
- Cima, M., & Raine, A. (2009). Distinct characteristics of psychopathy relate to diferent subtypes of aggression. *Personality and Individual Differences*, 47(8), 835-840.
- Decety, J., & Moriguchi, Y. (2007). The empathic brain and its dysfunction in psychiatric populations: implications for intervention across different clinical conditions. *BioPsychoSocial Medicine*, 1(22), 1-21.
- Dias, A., Sales, L., Carvalho, A., Castro-Vale, I., Kleber, R., & Cardoso, R., M. (2013). Estudo de propriedades psicométricas do Questionário de Trauma de Infância – Versão breve numa amostra portuguesa não clínica. *Laboratório de Psicologia*, 11(2), 103-120.
- Feilhauer, J., Cima, M. & Arntz, A. (2012). Assessing callous-unemotional traits across different groups of youths: Further cross-cultural validation of the Inventory of Callous-Unemotional Traits. *International Journal of Law and Psychiatry*, 35(4), 251-62.
- Ferrari, D. (2002). O Fim do Silêncio na Violência Familiar, Teoria e Prática. Ferrari, D (Ed). *Definição de Abuso na Infância e na Adolescência. Capítulo 4. São Paulo, Join Bureau*, pp. 84-87.

- Flight, J. I., & Forth, A. E. (2007). Instrumentally violent youth: The roles of psychopathic traits, empathy, and attachment. *Criminal Justice and Behavior*, *34*, 739-751.
- Forth, A. E., & Book, A. S. (2010). Psychopathic traits in children and adolescents: The relationship with antisocial behaviors and aggression. In R. T. Salekin & D. R. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 251-283). New York, NY; Guildford Press.
- Frick, P.J., Kimonis, E. R., Dandreaux, D. M., & Farrel, J. M. (2003). The 4 year stability of psychopathic traits in non-referred youth. *Behavior Science & the Law*, *21*(6), 713-36. doi:10.1002/bsl.568
- Glenn, A. L., & Raine, A. (2009). Psychopathy and instrumental aggression: Evolution, neurobiological, and legal perspectives. *International Journal of Law and Psychiatry*, *32*(4), 253-258.
- Glick, B., & Goldstein, A. (1987). Aggression replacement training. *Journal of Counseling & Development*, *65*(7), 356-362. doi:10.1002/j.1556-6676.1987.tb00730.x
- Gomes, C., C & Almeida, R., M., M. (2010). Psicopatia em homens e mulheres. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *62*(1).
- Hayes, A. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: a regression-based approach*. New York, NY: The Guilford Press.
- Kerig, P. K., & Alexander, J. F. (2012). Family Matters: Integrating Trauma Treatment into Functional Family Therapy for Traumatized Delinquent Youth. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, *5*(3), 205-223.
- Kerig, P. K., Bennett, D. C., Thompson, M., & Becker, S. P. (2012). "Nothing really matters": emotional numbing as a link between trauma exposure and callousness in delinquent youth. *Journal of Traumatic Stress*, *25*(3), 272-279. doi:10.1002/jts.21700

- Kerig, P.K., Ward, R. M., Vanderzee, K. L., & Moeddel, A. (2009). Posttraumatic stress as a mediator of the relationship between trauma and mental health problems among juvenile delinquents. *Journal of youth and adolescence*, 38(9), 1214-25.
- Kiehl, K. A., & Hoffman, M. B. (2011). The criminal psychopath: history, neuroscience, treatment, and economics. *Jurimetrics*, 51(4), 355- 397.
- Kimonis, E. R., Skeem, J. L., Cauffman, E., & Dmitrieva, J. (2011). Are secondary variants of juvenile psychopathy more reactively violent and less psychosocially mature than primary variants? *Law and Human Behavior*, 35(5), 381-391.
- Kruh, I. P., Frick, P. J. & Clements, C. B. (2005). Historical and personality correlates to the violence patterns of juveniles tried as adults. *Criminal Justice and Behavior*, 32(1), 69–96.
- Lansford, J. E., Miller-Johnson, S., Berlin, L. J., Dodge, K. A., Bates, J. E., & Pettit, G. S. (2007). Early physical abuse and later violent delinquency: a prospective longitudinal study. *Child Maltreat*, 12(3), 233–245.
- Leça, A., Perdigão, A., Laranjeira, A., Menezes, B., Velez, C., Veloso, C., Oliveira, D., Branco, E., Jardim, H., Chaves, M. & Prazeres, V. (2011). *Maus Tratos em Crianças e Jovens, Guia Prático de Abordagem, Diagnóstico e Intervenção*. Lisboa.
- Little, T. D., Brauner, J., Jones, S. M., Nock, M. K., & Hawley, P. H. (2003). Rethinking aggression: A typological examination of the functions of aggression. *Merrill-Palmer Quarterly*, 49(3), 343-369.
- Little, T. D., Jones, S. M., Henrich, C. C. & Hawley, P.H. (2003). Disentangling the “whys” from the “whats” of aggressive behavior. *International Journal of Behavioral Development*, 27(2), 122-133.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Sílabo.

- Maughan, D., & Moorse, S. C. (2010). Dimensions of child neglect: an exploration of parental neglect and its relationship with delinquency. *Child Welfare, 89*(4), 47–65.
- Maxfield, M. G. & Widom, C. S. (1996). The cycle of violence. Revisited 6 years later. *Archives of pediatrics & adolescent medicine, 150*(4), 390-5.
- Mendes, D. D., Mari, J. de J., Singer, M., Barros, G. M., & Mello, A. F. (2009). Estudo de revisão dos fatores biológicos, sociais e ambientais associados com o comportamento agressivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 31*, S77–85.
- Murray, J., Irving, B., Farrington, D. P., Colman, I., & Bloxson, C. A. (2010). Very early predictors of conduct problems and crime: results from a national cohort study. *J Child Psychol Psychiatry, 51*(11), 1198–207. doi: 10.1111/j.1469-7610.2010.02287.x.
- Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology, 21*, 913-938.
- Pechorro, P., Andershed, H., Ray, J. V., Maroco, J., & Gonçalves, R. A. (2015). Validation of the Youth Psychopathic Traits Inventory and Youth Psychopathic Traits Inventory – Short version among incarcerated juvenile delinquents. *Journal of Psychopathology and Behavior Assessment*. doi:10.1007/s10862-015-9490-1
- Pechorro, P., Maroco, J., Gonçalves, R., Nunes, C., & Jesus, S. (2014). Psychopathic traits and age of crime onset in male juvenile delinquents. *European Journal of Criminology, 1*(3), 288–302.
- Pechorro, P., Ray, J. V., Raine, A., Maroco, J., & Gonçalves, R. A. (2015). The Reactive-Proactive Aggression Questionnaire: Validation Among a Portuguese Sample of Incarcerated Juvenile Delinquents. *Journal of Interpersonal Violence, 1-23*.

- Porter, S., & Woodworth, M. (2006). *Psychopathy and aggression*. In C. J. Patrick (Ed), Handbook of psychopathy (pp. 481-494). New York: Guilford Press.
- Preacher, K. & Hayes, A. (2004). SPSS and SAS procedures for estimating indirect effect in simple mediation models. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers*, 36(4), 717-731.
- Raine, A., Dodge, K., Loeber, R., Gatzke-Kopp, L., Lynam, D., Reynolds, C., & Liu, J. (2006). The Reactive-Proactive aggression questionnaire: Differential correlates of reactive and proactive aggression in adolescent boys. *Aggressive Behavior*, 32, 159–171.
- Robertson, T., Daffern, M., & Bucks, R. S. (2014). Maladaptive emotion regulation and aggression in adult offenders. *Psychology, Crime & Law*, 20(10).
- Salekin, R., Rosenbaum, J., & Lee, Z. (2008). Child and adolescent psychopathy: Stability and change. *Psychiatry, Psychology & Law*, 15(2), 224-236.
- Scarpa, A., Haden, S. C., & Tanaka, A. (2010). Being hot-tempered: Autonomic, emotional, and behavioral distinctions between childhood reactive and proactive aggression. *Biological Psychology*, 84, 488-496. doi: 10.1016/j.biopsycho.2009.11.006.
- Smith, C.A., Ireland, T.O, & Thornberry, T. P. (2005). Adolescent maltreatment and its impact on young adult antisocial behavior. *Child Abuse & Neglect*, 29(10), 1099-1110.
- Soeiro, C. & Gonçalves, R., A. (2010). O estado de arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica*, 1(28), 227- 240.
- Steiner, H., Silverman, M., Karnik, N. S., Huemer, J., Plattner, B., Clark, C. E. & Haapanen, R. (2011). Psychopathology, trauma and delinquency: Subtypes of aggression and their relevance for understanding young offenders. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 5(21). doi: 10.1186/1753-2000-5-21

- Stoltenborgh, M., Bakermans-Kranenburg, M. J., Alink, L. R., & IJzendoorn, M. H. (2015). The prevalence of child maltreatment across the globe: Review of a series of meta-analyses. *Child Abuse Review, 24*(1), 37-50.
- Stouthamer-Loeber, M., Loeber, R., Homish, D. L., & Wei, E. (2001). Maltreatment of boys and the development of disruptive and delinquent behavior. *Dev Psychopathol, 13*(4), 941-55.
- Twardosz, S., & Lutzker, J. R. (2010). Child maltreatment and the developing brain: A review of neuroscience perspectives. *Aggression and Violent Behavior, 15*(1), 59-68. <http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2009.08.003>
- Vahl, P., Colins, O. F., Lodewijks, H. P. B., Lindauer, R., Markus, M. T., Doreleijers, T. A. H., & Vermeiren, R. R. (2016). Psychopathic traits and maltreatment: Relations with aggression and mental health problems in detained boys. *International Journal of Law and Psychiatry, 46*, 129-136.
- Van Baardewijk, Y., Vermeiren, R., Stegge, H., & Doreleijers, T. (2011). Self-reported psychopathic traits in children: Their stability and concurrent and prospective association with conduct problems and aggression. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 33*(2), 236-245.
- Vaughn, M. G., Edens, J. F., Howard, M. O., & Smith, S. T. (2009). An investigation of primary and secondary psychopathy in a statewide sample of incarcerated youth. *Youth Violence and Juvenile Justice, 7*(3), 172-188. doi:10.1177/1541204009333792
- Vaz, C. G. (2013). Da relação entre experiencição de maus tratos diretos na família e a adoção de comportamentos agressivos e antissociais. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto.

- Vitaro, F., Barker, E. D., Boivin, M., Brendgen, R. E., & Tremblay, R. E. (2006). Do early difficult temperament and harsh parenting differentially predict reactive and proactive aggression? *Journal of Abnormal Child Psychology*, *34*(5), 685-695.
- Widom, C. S. (1989). The cycle of violence. *Science*, *244*(4901), 160–166.
- Widom, C. S., & Maxfield, M. G. (2001). An update on the cycle of violence. *National Institute of Justice Research in Brief*. Washington, DC: National Institute of Justice.
- Wilson, H. W., Stover, C. S., & Berkowitz, S.J. (2009). Research review: The relationship between childhood violence exposure and juvenile antisocial behavior: a meta-analytic review. *Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines*, *50*(7), 769-79. doi:10.1111/j.1469-7610.2008.01974.x
- Wolfe, D. A., Scott, K., Wekerle, C., & Pittman, A.L. (2001). Child maltreatment: Risk of adjustment problems and dating violence in adolescence. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, *40*(3), 282-289.